

B

N.º 1232

R.º 1973

FIATCO D'ALMEIDA

CAMILO, & Cª &
MACHEIRO DIAS

LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA

Fialho d'Almeida

Fialho d'Almeida, o juiz implacável de tantas obras de crítica, foi o autêntico precursor das novas gerações literárias. A sua inquietação encheu de sol a literatura da nossa terra. Fialho foi um dos primeiros, em Portugal, que realizou, dentro da sua prosa, a unificação das artes. Na sua literatura há música, há pintura, há escultura, há cenografia, há bailado. Conheci as suas obras:

À Esquina

Actores e autores

Aves migradoras

Barbear, pentear

Cidade do vício

Contos

Estâncias de arte e de saudade

Figuras de destaque

Os Gatos

País das uvas

Saibam quantos

Vida errante

Vida irónica

B

1232

CAMILO, EÇA
E
MALHEIRO DIAS

DO MESMO AUTOR:

- Actores e Autores*, 1 vol.
À Esquina, 1 vol.
Aves migradoras, 1 vol.
Barbear, Pentear, 1 vol.
Cidade do Vício, 1 vol.
Contos, 1 vol.
Estâncias de Arte e de Saúde, 1 vol.
Figuras de Destaque, 1 vol.
Gatos (Os), 6 vols.
País (O) das Uvas, 1 vol.
Saibam quantos..., 1 vol.
Vida Errante, 1 vol.
Vida Irónica, 1 vol.

FIALHO D'ALMEIDA

B
1232

CAMILO, EÇA
E
MALHEIRO DIAS



7 JAN 1942

R-1.943



1941

LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA
A. M. Teixeira & C.^a (Filhos)
17, Praça dos Restauradores, 17-LISBOA

AGÊNCIA GERAL

CAPIÃO, EÇA

ALBERTO DE OLIVEIRA



Entre os grandes escritores da notável pléiade gerada no século passado, Camilo, Eça e Malheiro Dias ocupam, indubitavelmente, lugares especiais.

A obra dos dois primeiros foi alvo de análises minuciosas e também de verrinas apaixonadas. Camilo e Eça desencadearam violentas celeumas, prêlios fulgurantes, — e êles próprios se envolveram em acalorada justa, na qual trocaram piparotes literários encadernados em irreprimíveis demonstrações de recíproca homenagem.

Malheiro Dias acaba de ver satisfeito um derradeiro anseio — a única mercê que o seu implacável destino houve por bem conceder-lhe, mas devagar, com atrocíssima lentidão: o repouso, o sono eterno. Desapareceu «o Último grande Romântico, o grande Deserdado da Glória e grande Senhor das Letras Portuguesas», no dizer emocionado e justo do seu

dilecto amigo Dr. Augusto de Castro. O envólucro sumiu-se numa tumba humilde, mas subsistem os reflexos do que foi artista subtil como Eça, opulento no estilo como o outro desventurado de S. Miguel de Seide, e cuja produção de romancista apresentou ainda a singularidade relevante de ter brotado quasi de um jacto entre os 25 e os 30 anos. Deve ser agora, como profetiza Augusto de Castro, que vai começar a glória daquelle para quem Júlio Dantas reclamou que se abrissem as portas de um Panteão.

O autor de *Os Gatos* analysou estas individualidades — e ao retratar Malheiro Dias fez mais de que uma pequena jóia literária: esboçou uma previsão já hoje realzada. Por isso, e a fim de satisfazer as reiteradas sugestões que nos têm endereçado

os coleccionadores de matéria literária relativa aos três insignes artistas, decidimos fazer êste opúsculo, no qual figuram as críticas incluídas no volume (póstumo) «Figuras de Destaque», respeitantes a Camilo, Eça e Malheiro Dias.

OS EDITORES.

Camilo Castelo Branco

I

Pouco mais ou menos à hora em que um pateta pedia, se expulsassem das bibliotecas públicas os romances, dava um tiro nos miolos, em S. Miguel de Seide, um romancista. Aponto avulsamente êstes dois factos, que só se tocam pela coincidência do tempo, e outra coisa não querem dizer, senão que os banais estão cada vez mais atrevidos, e os homens de talento cada vez mais desgraçados.

Não me deterei portanto a comentar a objurgatória do singular traga-novelas — que se desforça talvez da queimadura que a sátira do parlamentar Calisto Elói, da *Queda de um Anjo*, lhe haveria causado, na prosápia — e acerco-me do

CAMILLO CASTELO BRANCO

suicida com a tristeza apática dos que viram, entre as ruínas de um país vencido, o seu derradeiro gigante, assassinado.

E é êste um país vencido — da sua própria corrosão, da sua própria miséria — um país *charogne*, um país gasto, um país podre, que se deixou resvalar, perdida a veneração das grandes coisas, ao regueirão das raças liquidadas. Tudo mo diz: a sua ânsia de viver, entre reclamos, uma existência de pândega barata, sob aparências factícias de largueza: a sua caquexia física crescente, a sua depressão mental assustadora, a falta de estímulo e de critério moral — e mais que tudo, essa indiferença cínica, de porco e de pária, com que êle vê o estrangeiro bater-lhe à porta, os governantes venderem-no, escarnecê-lo o mundo, os seus raros grandes homens caírem fulminados — e tudo isto, sem que na sua bôca haja um lamento e nos seus olhos uma lágrima, sem que as suas mãos se crispem e o seu espírito estremeça — tamanha a abjecção e tamanho o egoísmo desta escória dos povos meridionais!

Leio a narração do entêrro de Camillo, a chegada dos seus restos ao Pôrto, os officios na Lapa, os *ajustes de contas* de certos jornais com a obra dêle, e os cabelos se me levantam de assombro,

CAMILLO CASTELO BRANCO

pois pergunto a mim mesmo que gerações literárias são estas, que não correm a encher de palmas a via dolorosa dêsse mártir — que imprensa é esta, que babuja de infâmia a memória de um defunto, quando ainda a sua carne está quente e com memória auditiva — que público, e que povo são êstes, que andando a macaquear todos os dias cortejos cívicos, oferendas de coroas às estátuas, apoteoses literárias, sessões solenes em honra de vultos esquecidos, deixam morrer o primeiro escritor portugûês do nosso século, o romancista dos grandes desesperos, o sarcasta de rir satânico e terrível, tipo único de individualismo trágico, de génio cálido, largo como um mundo, estranho como um sonho, misto de tôdas as sensibilidades e de tôdas as revoltas, sem que haja nas almas um côro de apoteose, e de roda ao seu catafalco se acurvem as cabeças de tantos milhares de seres que choraram e riram nas páginas da sua obra.

*

* *

Porque digamos tudo. O entêrro de Camillo foi a abdicação vergonhosa de uma das mais herói-

CAMILLO CASTELO BRANCO

cas e raras fôrças de que pode dar mostra um povo culto — a fôrça de consagrar trinta anos de génio a despeito dos rancores pessoais que ao perto haja inspirado a carcaça mortal que êsse génio habitou, nesses trinta anos. Escusado aventar que a chegada do féretro à *gare* não foi concorrida, por um desencontro de horário, e que a deserção dos seus officios fúnebres, antes poderia explicar-se por se lhe haver associado um nome antipático, do que pròpriamente pelas pisaduras que a mordacidade de Camillo poderia ter feito na prosápia familiar dos homens preponderantes hoje no Pôrto, filhos dos brasileiros ricos, dos salafrários, e dos amorosos que êle pintou, com tão contundentes grotescos, nos seus livros.

Tampouco as desordens da sua vida moça (que a calúnia, pelo tempo fora, tem enchido talvez de vilania) poderão dar razão dêstes desvios da simpatia tripeira, perante o grande morto. Estamos num tempo de concessões recíprocas, e a patologia mental, desde que chamou ao talento uma nevrose, houve que impor ao público — único usufrutuário dos produtos cerebrais dessa nevrose — uma certa misericórdia também, para o que resultasse da interferência dela na vida particular dos homens de talento. Evidentemente a

CAMILLO CASTELO BRANCO

moral seria absurda, prescrevendo que um romancista tivesse uma vida austera de padre, e estreitezas de conduta, de guarda-portão. Não esquecer que na sensibilidade de um artista moderno, há aura histórica, com fugas através do estranho, com impulsões pelo contrastante, com sedes pelo *proibido* — coisas a que o mundo tem obrigação de fechar os olhos, sabido como essas desordens são renovações, contraprovas morais, de que tantas vezes há mister a obra em gestação.

Ora, dos desequilíbrios da função nervosa de Camilo, nasceria talvez para o trato íntimo, o homem de brusqueras frenéticas, de vulcânicos amores físicos, de reviravoltas de humor, intratável, cruel e caprichoso — dêmos que Camilo Castello Branco fôsse tudo isto — mas precisamente esta mobilidade de carácter é que fêz o artista genial dos seus romances, dos seus estudos irónicos, das suas verrinas literárias; deu-lhe o condão de forjar a obra-prima de um jacto, com todos os sintomas de um retalho de vida palpitante; de modelar almas tão diversas e tantas, numa prosa plástica como a cera e numa lingua rija como o bronze; e espargiu na sua obra enfim, tôda essa porção de sangue insubmisso, de independência forte, e de sonho miguelan-

gesco, que as literaturas só de século a século registam, e que o cosmopolitismo hodierno de todo está hoje sonegando, às nacionalidades mortas que invadia.

Não queira o nosso egoísmo, pois, que êsses sublimes doidos de artistas, só sejam excessivos na obra de arte que nos servem, e perdoemos-lhe com muito amor os mais excessos, que a natureza tarde ou cedo lhos fará pagar funestamente. Demais, qual de nós é doseado, no tumulto da vida contemporânea? Um cínico disse: só os imbecis se portam bem. E eis aí uma verdade universal!

*

* *

Daí, quem me impediria a mim de fazer dêste nevrótico, um tipo clássico de *louco literário*, no género dos que Gustavo Brunet estudou, a propósito da obra de J. Jacques e de Restif de la Bretonne? Os seus íntimos não: que entre os melhores, o médico Ricardo Jorge algo poderia revelar de elucidante à minha tese. Os seus admiradores tampouco, pois êsses, se conhecerem como eu, página por página, a obra do formidável exhibitionista, não marcharão dez páginas, sem colher

nelas substracto para uma autópsia das mais comprovativas. Porque teve de tôdas as alienações adstritas ao seu officio, êste alienado lúcido e razoante; êle o delírio das grandezas, êle o delírio das perseguições, o misticismo, o exhibicionismo, o pessimismo, a erotomania, a simulação: curiosidades de hospício, abroqueladas de génio, que haveriam feito a alegria dum Ribot, e dado margem a um estudo de psicologia médica, lúgubre e intensivo.

Quem bem quizer arcahouçar, sôbre dados reais, esta vesânia artística de Camilo, inquirirá primeiro da sua história pregressa, tão singularmente preparativa da cerebração ferosa que fêz dêle o autor de sessenta-e-nove romances originaes, de dezanove volumes de excavação histórica e de arqueologia, de nove livros de poesia, quatro de religião, quinze de teatro, e sessenta-e-quatro de sátira literária e controvérsia — tudo isto em pouco mais de trinta-e-cinco anos! Estabelecerá cuidadosamente a sua filiação hebraica, pelo sangue materno (e os judeus são uma das raças que maior contingente fornecem à patologia nervosa); terá de pôr em relêvo as circunstâncias romanescas do seu nascimento e educação, a sua infância triste, que alguns parentes oprimiram até um paroxismo de agrura, insuportável; e logo após

CAMILLO CASTELO BRANCO

constituirá o traçado gráfico da sua instabilidade moral, cujos azares o levam a matricular-se em diferentes cursos científicos, que de pronto abandona, desgostoso da rotina metódica do trabalho — e ainda das filiações políticas que teve, e dos seus insofridos ardores de vida aventureira, que o tornaram guerrilheiro em 46, aprendiz de clérigo fanático em 50, e em 57 materialista, homem de alcova, duelista e livre-pensador!

O crítico subtil que quisesse destrinçar de tôda a vastíssima obra de Camilo, a porção de auto-biografia e de indiscreção que ela ressumbra, além de que forjaria com essas análises de vírus psíquicos um prodigioso expositor de filosofia médica, talvez lograsse fazer avançar de cem anos, os ainda agora tacanhos processos da autópsia literária, que o jornalismo entre nós abandona ainda às incontinências fecais dos noticiaristas.

Por tôda aquela obra, de feito, se achariam arestas com que esculpir para a posteridade, uma das mais furiosas e indomáveis figuras literárias do nosso século. A começar pela mania da frase rara, pelo inauditismo da estranheza escrita (forma típica da alienação literária) de que Camilo abusou, desde o comêço, embora sacando dos velhos livros

CAMILLO CASTELO BRANCO

a matéria-prima da língua por êle *inventada*; a começar por esta forma estética do mal, dizia eu, até chegarmos à erotomania, sua natural complicação, quantas outras loucuras, larvadas ou completas, não constataria o investigador, no folhear das cinqüenta-e-quatro mil páginas por êle escritas? Entre estas modalidades da cerebração doentia de Camilo, uma das mais evidentes é a indiscrição, forma de exibicionismo, que faz o entrecho de tantos romances seus, e desgosta os sensíveis, pelo travo sardónico que derrama em bastos dos seus panfletos, figurações autobiográficas, e estudos de história e crítica literária.

Essa indiscrição, causa freqüente das espantosas crises trágicas de certos livros dêle, toma por vezes um implacável carácter, a ponto de jogar com episódios da sua própria família, como no *Amor de Perdição*, no *Bem e o Mal*, e no projectado romance dos *Brocas*; e de ir aos sepulcros fechados sôbre catástrofes recentes, arrancar de lá, com demoníaca pujança, restos de camaradas e de amigos, que êle galvaniza entre os calafrios da visão de arte, reconstituindo espinho a espinho, à vista dêsses restos, a história grotesca ou sentimental que os arrojara em pasto, à terra adusta. Todos conhecem a história inte-

CAMILLO CASTELO BRANCO

rior de algumas *Novelas do Minho*, e o escrúpulo de família que fêz retirar do mercado, em bloco, êsse livro despedaçador que tinha por título, *A caveira da mártir*. A cada momento, no enxadrezar dos caracteres dos seus romances, na dissecação de um livro, de um adversário, de um sentimento, aí vem singulares revelações de psicologia individual, que não raro se contrariam e entrechocam, numa barafunda de ironia e de emoção, de cinismo e de fé, de farça obscena e misticismo. É o homem que fala por detrás das suas figuras, que as exaspera da sua angústia, que lhes dá a beber o fel da sua incoerência e da sua dúvida, e as entenebrece da sua melancolia irreparável. E aí começa o galã, até ali ingénuo, a debitar larachas de sacripanta, sôbre a vida; a Gretchen minhota, branca flor mística dos claustros, a se adentrar em can-cans de michela, na vida fácil; o brasileiro mariola, a se fazer honesto, à última hora, e o morgado inflexível e rude, a acabar enfim, lírico e choroso, nos bracinhos dos netos...

Outro sinal frisante da alienação literária, em Camilo, é êsse flutuar contínuo do seu espírito, subsidiado por variações de humor, que na mesma página vai do grotesco ao trágico, sem transição

sensível. Quem lhe ler os romances, logo sente como êste sinal caracteriza particularmente a sua maneira. Na *Brasileira de Prazins* por exemplo — nos *Mistérios de Fafe*, no *Sangue*, nos *Anos de Prosa*, etc. Êstes dois últimos livros têm, sob o ponto de vista que me ocupa, passagens típicas. O *Sangue* especialmente. É um inquérito de escárnio ao viver da burguesia rica do Pôrto, escrito a fugir, numa língua que parecendo desataviada, possui, a par da riqueza, uma inverosímil fluidez. Os tipos, porque o voluminho seja breve, são pontuados apenas, na efabulação jocosa do caso; há porém nesses esboços, uma pujança tal, que a meio do livro, as sombrinhas cómicas, súbito, transformam-se em sólidos arcabouços, em seres de carne e de pecado, em máquinas humanas activas — de forma que quando o leitor mal se precata, a farça tem-se constituído em drama ao sério, a acção tem-se epileptizado de paixões e de vinganças: principiou-se a rir e finda-se a chorar; e por muito que se faça, impossível deixar de ver neste acesso cerebral, uma crise de loucura voluntária, *mas de loucura*, que nenhum artista se provocaria, sem os derrançamentos prévios de Camilo. Um episódio dos *Anos de Prosa*, inda mais flagrante, é aquêle em que o

CAMILLO CASTELO BRANCO

morgado de Santa Eufêmia, amoroso ingénuo e provincial, sabedor das infidelidades da mulher que adora, desce do Minho, aos bailes da Assembléia do Pôrto, a ver se represa a leviana, na constância das antigas juras. O triste, que sôbre amantético é lorpa, ao largar das selvas pátrias, esquecera-se de enfarpelar à moda a sua figura rubra de campónio. A sua vinda à cidade, está preparada com uma cuidadosa descrição de angústias amorosas, e a gente sente que êsse pobre sincero, sendo o mais nobre dos galãs, há-de ser no futuro também, o mais bem intencionado dos maridos. Aí o temos pois que entra nas salas do baile, prêso duma agitação indescritível... Seria êste o momento de lhe manter a *ténue* sentimental, com o fim de lhe conservar o interêsse, não é verdade? Pois não sucede assim, e Camilo, a descrever-lhe o traje antiquado, despede ao dorso do morgado enxames de chascos perversos, e enterra-o no ridículo, só pelo prazer de novamente o transfigurar, a poder de talento, dali a pouco.

Transporte-se agora o alienado, da obra de arte, para a vida de trato e de família. É um alienado ainda, mas muito menos interessante. Dera em literatura o homem de génio; dá nas relações sociais o desequilibrado moral, que pelas

descontinuidades, do humor, nem sempre pôde ser bom amigo, quer pela índole gozosa e perdulária nem sempre pôde ser bom administrador, que pela incongruência dos ideais nem sempre pôde ser bom cidadão, e que por todos êstes motivos, e ainda por outros, alguma vez haverá tergiversado da conduta modelar que as sociedades austeras impõem aos maridos e aos pais.

Com isto, não quero eu significar que em Camilo, os factores da sua glória literária, na vida íntima houvessem falhado por completo, ao colaborarem no homem. Não falharam, muitos, e até conseguiram alguns levar-lhe o carácter a uma altivez de independência e de honra, que seria bom escrever entre os protestos que a homens de rija têmpera hajam merecido as devassidões da vida contemporânea. Camilo foi bom — o génio é uma das formas da bondade — bom até onde pode sê-lo um nevropata; e nessa bondade houve sinceridade, até onde pode mantê-la um romancista. No *odioso* da sua lenda, marca-se a invasão da calúnia, em bastos pontos; êle deriva, em parte, das pequenas infâmias forjadas pelos nulos que o formidável demónio chacinou, e também dessa fatalidade que quer que os sarcastas, por não perderem um dito, sacrifiquem

CAMILLO CASTELO BRANCO

tudo aos seus farpões, sem tento das responsabilidades que incorrem, nem guarda as antipatias profundas que despertam.

II

Os estreitíssimos limites dêste estudo não me deixam traçar o perímetro crítico da obra de Camilo, completo e detalhado, como fôra mister, para justificá-lo o maior escritor do Portugal moderno, e de caminho destruir a lenda que aí está a pedir estátuas para artistas que, na minha opinião modesta, as não merecem.

Mercê do curto espaço de que disponho, não dissecarei pois fibra por fibra, o complexo das aptidões diversíssimas dêste homem — historiador, arqueólogo, polemista, romancista e poeta — e vou restringir tão sòmente ao romancista as minhas notas, havendo ainda assim que ser conciso, caso ferir deseje as características principais do seu talento. Na obra romântica de Camilo há a estudar a linguagem, a efabulação, a ironia, a moral: e em mais remoto plano, a escola em que podiam filiar-se os seus romances, e a influência por êles

C A M I L O C A S T E L O B R A N C O

exercida no espírito das gerações literárias, que depois vieram.

*

* *

A linguagem de Camilo não é tanto a língua portuguesa genuína e opulentada de todos os vocábulos que uma retentiva paciente é capaz de ir colher aos vernaculismos do povo e das bibliotecas, como o instrumento vivo e acirante de um espírito de artista, que por profundo e múltiplice, houve mister, como os órgãos das catedrais, de exprimir por tubos de cobre a potência orquestral da sua voz. Outros como êle trabalharam a língua portuguesa, e a souberam com intimidade igual, e exuberância parecida; mas nenhum lhe deu aquela alma indómita, transfiltrando-lhe a pompa, o brilho, a energia e a graça em que êle a amoedou. Êstes predicados, muitos, são da língua, convenho, quintessenciados porém pelo talento do escritor, e adquirindo pelo individualismo dêle uma acuidade incomparável. A prova disto, é a prosa de Camilo não ser susceptível de imitar-se. Todos os *pasticheurs* nela sossobram, porque essa elocução e êsse estilo não são como

CAMILLO CASTELO BRANCO

os de outros, só feitos de palavras; são a voz de um espírito, têm o timbre próprio de uma laringe, são *idéias gravadas*: e porque na história do português escrito se não chegue a elas por uma evolução metódica, impossível de usá-las sem lhes falsear o cunho originário, e impossível assim de tomá-las como ponto de partida, para a fundação de uma arte nova de escrever.

O compulsar quotidianamente os velhos livros, deu a Camilo, é certo, uma profusão riquíssima de vocábulos, modos de dizer, fugar, variar os períodos; mas quem ler os seus livros logo reconhece que nesse prodigioso e fácil labor, metade das maravilhosas formas de expressão que lá se colhem, metade dos têrmos, metade das frases, são legítima criação da sua pena, produto da sua inventiva genial, expediente do seu *savoir faire* sábio e libérrimo. É êste um pouco na literatura o papel do artista, desarticular a língua antiga, sem falseio das regras fundamentais, maleando-a porém continuamente às necessidades da *expressão* contemporânea. A propósito de Tourgueniev, disse Bourget «uma maneira de escrever, é uma maneira de sentir, e a cada evolução na forma, corresponde uma evolução no coração. É por o homem interior se modificar, que por seu turno

CAMILLO CASTELO BRANCO

se modifica a expressão. Do que resulta haver uma filosofia da vida por detrás da filosofia de toda a composição literária. Tanto vale a pessoa, tanto vale a doutrina estética». Camilo teve êste supremo dom de trabalhar sôbre uma língua compacta, e por vezes incapaz de traduzir certas finuras, a mais fulgurante e a mais dúctil de todas as línguas, isto sem lhe escambar o travor primeiro, nem lhe meter de enxertia o estrangeirismo. E conseguiu isto, valendo-se dos seus conhecimentos de purista, e logo exalçando-os com a sua fascinadora improvisação. Assim, a frase dêle morde o assunto, como o ácido a lâmina de gravura, sulcada a ponta de estilete, e desta cunhagem modelar brota uma imagem, súbita, luminosa, que ainda bem não mexe no nosso ouvido, já se está a mexer no nosso cérebro, com uma estranheza intensa, que muita vez chega a produzir em nós a derrocada.

Na *Mulher Fatal*: «Aqui o dardo do sarcasmo alcança apenas o escopo onde a calúnia mira. As gargalhadas, como aqui as vascolem estas maxilas alvares de goliardos professos, vingam marear a honra de um homem, desluzindo-lhe o passado, enoitando-lhe o futuro, infernando-lhe o santuário da família». No *Senhor do*

Paço de Ninães: «Revolvia-se a plebe sem chefe de um para outro lado, vozeando; mas ao direito dos alterosos cancelos do pátio não ia alguém, porque os criados de João Estêves, com as escopetas engatilhadas e abocadas à cara de quem vinha, desmaiavam os mais corajosos». Nos *Anos de Prosa:* «José Francisco deve estar entre cinquenta-e-cinco anos, estatura menos de meia, com três barrigas, das quais a primeira começando pela parte mais nobre do sujeito, principia onde o vulgar da gente tem os joelhos, e depois de uma arremetida adiposa, retrai-se na linha imaginária da cintura, e estreita-se em forma de cabeça... Isto tudo tem uma base caprichosa: são coisas que a linguagem do paradoxo denomina pés. Vacila a crítica no confrontá-los com objectos dos três reinos: uma tartaruga envolta em bezerro dá-nos uns longes de realidade; mas falta-nos o símile para os declívios, gargantas e barrocais dos joanetes».

Um dos predicados admiráveis desta língua, é não cheirar ela nunca a literatura, ser uma língua de acção, embora às vezes bizarra, e com efeitos orquestrais, que tanto lhe vem dos assuntos, como da combinação rítmica das sílabas. Também raros escritores possuem, como Camilo,

CAMILLO CASTELO BRANCO

a intuição da língua em que convém tratar o assunto, e o poder de inventar para cada género de tema, o vocabulário, o estilo, e a fantasmagoria interior que lhe são próprios.

Esta fantasmagoria, em Camilo, tem uma amplitude de gama incomparável (por exemplo, nas suas páginas satíricas), e para achar-lhe analogias é necessário ir procurar às literaturas europeias todos os grandes históricos da palavra, desde Quincey, de Dante Rossetti e de Achim-d'Arnim, até aos modernos *repousseurs* da frase que faz aresta, e incrusta a idéia como uma jóia, e impõe a imagem, com uma magia quási física.

No *Esqueleto*: «Outra hora, sentia através do seio uma vibração glacial, como se a larga lâmina de ferro lhe abrisse bulhões de sangue: nesta visão infanda era a imagem do marido que lhe avultava descomposta pela vertigem do ódio». Nos *Brilhantes do Brasileiro*: «Casou com a mais desbragada pôlha que deu a Maia, e arreou-a de veludos e cetins para a passear nas praças do Pôrto com o gáudio dum cornaca vaidoso que expõe o seu elefante ajaezado bizarramente. Esta Laís de trapeiras, quando passa espeitorada, rescende e trescala o fartum das

excreções cutâneas. Não obstante, a sua recâmara não inveja à de Lisboa, o sêvo das delícias em que a maiata, Circe digna dos javardos que a esfoçam, ganhou renome que bastaria a felicitar três colarejas». Não cito a propósito os livros de polémica, que os não tenho à mão. Basta o que aí fica, porém, para ver no escritor a *imaginação especial do relêvo*, em tanta maneira viva, que ouvidos períodos seus, fecham-se os olhos, e logo o contôrno físico das coisas que êle avoca, ressuscitam em nós com uma luminosidade cáustica, integral. Camilo escreve como pensa, por convulsões — ao inverso dos romancistas exclusivamente psicólogos, que só chegam à contraprova dos caracteres, por cambiantes metódicas e doseadas.

*

* *

Notei como a indiscrição fornira drama aos seus romances. Disse a verdade. Nem uma só das novelas de Camilo deixa de ter por centro patético uma ocorrência real, por êle assistida ou partilhada. Na introdução duma, até escreveu «creio que ao fechar de algumas sepulturas, se abrem livros de proveitoso doutrinamento ao

CAMILLO CASTELO BRANCO

de cima delas. Por isso êste livro se fêz. Êste e os demais. É o motivo porque das suas obras ressumbra, à flor dos outros dons, êsse tom *revelado*, que nos paroxismos de catástrofe, açovaca o leitor duma aflicção nervosa, esfacelante, tão sobreaguda, que os sensíveis estremecem, basto tempo, sob a alucinação timpânica dos seus diálogos, de escárnio e de ódio (exemplo no *Sangue*), sob a visão dos seus resvalos finais ao martírio e ao vício (*Mulher Fatal*, *Senhor do Paço de Ninães*, *Amor de Perdição*), e sob o infernal sardonismo enfim de certos epílogos seus, tão cínicamente azorragantes, tão estrídulos, de rir malévolo, que êles sós fazem vertigens, e deixam no espírito de muita gente, um rancor cruel contra o escritor. Provado então que as novelas de Camilo tenham uma base *vista*, e sabida a pequenez do meio em que êle observou, a ninguém surpreenderá que na efabulação de quasi tôdas haja um ponto de partida análogo, e em muitas, desenvolvimentos uniformes de tipos, e estreitas parecenças de situações e de argumentos. Não é isto pobreza, é proibidade. Camilo inventa pouco: os seus romances são mais história do que literatura; e o sonho de arte, dispende-o o romancista, não em criar figuras, não

CAMILLO CASTELO BRANCO

a evocar paixões e crises trágicas, mas a justificar na tela as figuras que conheceu, a dissecar sôbre o mármore as paixões que viu explodir, interrogando-lhes implacavelmente os esgares e as frivolidades, e cercando-as de atmosfera dramática atinente às profundas lições morais que elas encerram. Note-se que eu disse atmosfera dramática, e não *meio*. O estudo do meio gerador dos caracteres, simultâneamente causa e resultado dêles, Camillo fá-lo em meia dúzia de pinceladas indispensáveis. É pelo desenho dos tipos que o leitor colhe em flagrante o meio, e não êste que auxilia a visionar as figuras, recortando-as, como que sôbre um fundo de tapeçaria. Os capítulos em que os amigos de Hermenegildo Barrosas (*Brihantes do Brasileiro*) discreteiam sôbre as virtudes domésticas uns dos outros, misturando a palestra de arrôtos, vinho fino, e considerações sôbre fundos, são uma pintura nítida de burguesia rica e devassa, um pouco invadida de sátira, mas duma impagável justeza de *ensemble*. Era esta uma das fisionomias do Pôrto de há 40 anos; Camillo gravou-a modernamente, e essa fisionomia fica! No *Bem e o Mal*, o estudo do carácter de Guilherme Lira, e o das arruaças nocturnas que êle promove, com estudantes, dá a fisionomia

C A M I L O C A S T E L O B R A N C O

do antigo viver universitário por modo a fazer bater o coração de todos os bacharéis sexagenários, onde essa narração reanima, com a sua meridional eloquência, saúdaes das impetuosas rapaziadas da Coimbra do seu tempo. Onde há melhor estudo da vida portuguesa do século xvi, amorosa e guerreira, do que nas páginas aventurosas do *Senhor do Paço de Ninães*? Onde diálogos em que mais intensivamente harpeje o carácter portugêz, do que nos dos burgueses do *Sangue* e do *Retrato de Ricardinha*, nos janotas da *Mulher Fatal*, dos *Anos de Prosa* e do *Esqueleto*, nas freiras, fidalgos de provincia e carnudas morgadas do *Amor de Perdição*, da *Queda de um Anjo*, das *Estrélas Funestas*, e do *Onde está a Felicidade*?

Há nestes livros frases ditas por tipos de meia tinta, que são tôda uma ressurreição de alma e de carácter. É que o poder evocativo de Camilo é prodigioso. A sua maneira única. E profundamente incisiva a sua análise, mesmo assim desfilada de método.

Ele pertence à escola do génio, que não faz obras-primas com receita, e realiza a arte por uma espécie de iluminismo psíquico instantâneo. Quatro pequeninos factos lhe bastam para radi-

car um tipo no seu meio; e entretanto êsse meio impõe-se, e jamais o tipo se desmente nêle, como espúrio.

A sua maneira de vivissecar, é também típica. Camilo não desce aos últimos pormenores de histologia, como Zola, nem decompõe o trabalho de um cérebro, como Bourget, idéia por idéia, e impulsão por impulsão. Neste luxo de ciência, que é um dos mais hábeis, e às vezes mais enfadonhos artifícios do romance moderno, freqüentemente o sábio prejudica as faculdades inventivas do artista, reduzindo a obra de arte a uma monografia sêca, a uma espécie de história clínica, em que o rigor do detalhe expulsa o sonho, substitui a arte à medicina, abdica da fantasia em favor da fórmula, dispensando a criação do talento individual, para produzir romances como quem cozinha pastéis, segundo uma receita doseada, monótona, e sempre a mesma. A isto chegaram os descendentes do flaubertismo em França, como Paul Bonnetain, J. K. Huysmans, Camilo Lemonnier, e o sobrevivente dos dois Goncourt, que ao sentir-se estancar, proclama a monografia, no prefácio da *Chérie*, como a fórmula assinada ao romance do futuro.

É ver como Camilo triunfa de tôdas estas

CAMILLO CASTELO BRANCO

preocupações alambicadas, e leva ao romance as exigências da sua paixão ardente e sempre humana, e nos visiona o seu mundo, através dos sobressaltos cruéis do seu doloroso pessimismo.

Para a reconstituição de um tipo, duas ou três características lhe bastam, como a Cuvier bastava uma maxila e uma vértebra, para a reconstituição de um anti-diluviano. E entre êsses tópicos vem o poeta intercalar o que falta, para a completa remodelação da personagem. É admirar-lhe aí a sobriedade e a precisão! A sua nervosidade compraz-se em dramas fulgurantes, cuja catástrofe se precipite entre os granizos da ironia ou da cólera, e cujas determinantes, renovadas para cada livro, dêem a natureza como uma série de efémeros esboços, que se engendram uns dos outros, se sucedem, e resvalam, apenas surgidos, para as fuligens do nada, sem que de algum dêles fique rastro, ou a memória da forma, sequer.

*

* *

Veamos a ironia agora.

A mais bela luz do génio de Camilo fálscana sua obra sarcástica. Nada pode dar idéia da

veemência e da pujança desta prosa de Vulcano, batida na forja dos coriscos e dos raios, onde com as asperidões e rudezas da antiga linguagem, se entrelaçam as graças subtis do mais refinado moderno. Eu não sei de ironia que tenha mais causticidade, nem de imaginação humorística onde se insculpam mais finas rendas, flechas de mármore mais esguias, colunas mais ciclópicas, rosáceas e ogivas mais brancas e delicadas. Na caquexia das letras actuais, quando tôdas as energias parecem finar-se, e tôdas as originalidades ir adormecendo, a plethora dêste homem faz mêdo, como em país de anões, os *grandia ossa* da fauna primitiva.

Todos os que alvoreceram com êle, murcharam e caíram. Garrett, o poeta *petit-maitre*, lirico exterior, romancista *dilettanti*, só no *Frei Luis* consegue eximir-se às preocupações de dandismo literário que o conspurcam. Como um monge medievo, o rude Herculano (falo do artista) quási só fere duas notas com grandeza: atingir na poesia o grave tom dos hinários do catolicismo primitivo, e explicar a história, visionando-a através da contextura quási sempre enfática dos seus romances. Castilho afunda-se, e dêle sobrenada apenas o retórico de fôrça, que não tendo ejaculado

CAMILLO CASTELO BRANCO

vida na sua arte, para logo debandou da simpatia das turbas, começando a ressequir nas páginas das *Selectas*, e a amarelecer nas citações dos compêndios de gramática elementar. Só êste nome de Camilo parece desafiar o tempo e o carnaval das escolas literárias, que se sucedem e desfilam, hoje radiantes, desfloradas e murchas amanhã, qual mais da moda, e tôdas em breve esparsas e sepultas, apenas servindo a revelar na fereza magnífica da obra dêle, mais uma aresta, um pormenor, uma arcaria, uma portada, e através dêsses cento-e-quarenta volumes, perspectivas profundas, horizontes de arte incomparáveis, vortilhões de trágicos desfechos, gargalhadas e súplicas; e por espaços, entre as imprecações e os soluços, as brutalidades e os sarcasmos, algum doce perfil que rasteja, como a filha do ferrador do *Amor de Perdição*, arcanjo e vítima, até aos umbrais da mais estreme dedicação.

Ei-lo aí de pé, no seu sêro minhoto, o terrível panfletário, o rebelde sem repouso, brandindo a clava como um grande chefe bárbaro, com o rir sardónico de um lobo que vem de fazer chacina lá baixo, nas burricadas de um almoceve! Se a filosofia dos seus romances pode compendiar-se naquele dito de Flaubert « *c'est étrange*

comme je suis né avec peu de foi au bonheur», congratulemo-nos, que êsse cepticismo acre inunda-lhe a obra de humorismo.

Humorismo terrível, sob cuja tinta rútila, como nos manuscritos palimpsestos, pode ler-se, já lívida, a história íntima do romancista.

Raro sabem chorar os que muito sofrem, ou sofreram. Nestes, o riso, de que os ingénuos ignoram a ptomaína cadaverosa, é o único desfôrço permitido à sua alma trucidada. Semelhante rir tem peçonha no rictos da bôca, e como os dentes da cobra cascavel, dá morte ao organismo vivo em que se acrava.

Poucos escritores tiveram vida mais brigada. Em cêrca de quarenta anos de publicidade, Camilo não faz um passo, não escreve um livro, que lhe não saiam à feira, os alquiladores e os assassinos.

Há contra êle libelos pavorosos. Os próprios contraventores de polémica literária, não estão serenos com êle. A inconcussa superioridade de Camilo, põe-nos de mal consigo próprios, e infunde-lhes suspeitas contra o adversário que os intimida. Isto exaspera cedo as rebeldias nativas do seu sangue, crispa-lhe a razão de impaciências, amaruja-lhe a verve, exalta-lhe o carácter.

CAMILLO CASTELO BRANCO

Juntem a isto os episódios da sua vida aventureira, as faltas de dinheiro, os acessos sexuais que o esfuriam detrás do amor que se revolve em luxúria, sem mais deixar de si que saciedade; a sua ânsia de novo, constantemente agravada pela monotonia da vida de província; os seus primeiros desastres de família, desde a morte de um enteado, de que êle nunca pôde perdoar-se o des-têrro imposto, até aos seus meses de cárcere, e à loucura enfim dêsse filho mais novo, em cuja fragilidade êle pusera a infinda ternura que recusado havia, a tudo mais!

Ora, com tais martírios, a alegria foi-se.

A mesma serenidade é uma espécie de madora em que não raro se está preparando uma tormenta. Os que nestes transes, se decidem a resistir, acabam por só chorar a sua desventura, em cascalhadas; porém o mundo quási sempre paga caro esta inversão de carantonhas!

*

* *

A moral.

O estudo da moral, na obra de Camillo, dava êle só objecto para uma monografia extraordinariamente acidentada.

CAMILLO CASTELO BRANCO

Não falta quem lhe chame um grande artista inconsciente, e quem logo desminta essa asserção, pondo em evidência certos finais dos seus romances, verdadeiros primores de análise psíquica, e tôda a sua obra de excavação histórica e de polémica, tão categórica como contraprova da solidez raciocinal do seu talento. Mas consciente ou não, jamais êle sacrificou a preocupação burguesa, à conveniência artística. A sua independência é nobilíssima e ativa neste ponto. É um dos homens que melhor têm conhecido o homem, e dentro dêle o *travesti* de perversidade que faz o fundo da sua natureza móvel e bestial. Por isso nos seus romances falece o idealismo sentimental que nobilita os tipos, à George Sand, fazendo dos livros desta escritora verdadeiros cursos de moral, e por isso lhe escasseia assim aquêle impersonalismo, que Flaubert exigia de todo o naturalista, e põe os autores em simples espectadores dos seus romances.

Como um architecto erudito e intuitivo, Camillo restaura a vida sôbre documentos sociais, intervindo aqui e além passionalmente, mas sem maiores intenções de crítica filosófica, e deixando o leitor concluir à vontade, a lei moral que a leitura possa sugerir-lhe. A seus olhos, o amor é

divino por essência, o que não quer dizer que contenha sempre em si virtude, e abra caminho sempre à felicidade. Camilo pinta-o como uma coisa superior às leis sociais, superior à vontade, à moral, e aos prejuízos do mundo. Idealiza-o onde quer que êle esteja, como fim supremo da vida, e fonte de bem e mal de tôdas as formas de existência.

Apesar dos retrocessos místicos que em ocasiões de desgosto ou de doença, contravém a empanar-lhe o carácter, é o materialismo o fundo da sua filosofia, como o amor da matéria o fundo do seu temperamento estético.

Para êle a natureza é imortal, e a sociedade um montão de paixões lascivas e grosseiras. Tôda a actividade tem por móvel único o apetite. O ser é improgressivo, e a humanidade pior, de século para século. É ver como os bons têm nos seus romances, constantemente um lugar de sacrificio. Os seus tipos honestos quási todos claudicam, e o mesmo amor que êle diviniza, a quando puro, contrariam-no, e só toma curso de paixão sublime, nos exasperos do estado irregular, ou seja a mancebia, ou seja o adultério. Esta falta de ideal na concepção da vida, que tão grandemente se aproxima de Balzac, liga-se no escritor português a

uma espécie de grosseria nativa, de brutalidade plebeia, que explicando a sua pujança, elimina da sua obra todo o vislumbre de delicadeza e de distinção. É um cavador de enxada, antes de tudo. Tem a elevação sem gentileza, e um sôbre-humano vigor, sem preciosidade. Materializa tudo aquilo em que toca. Em certas páginas diz que a virtude é uma tolice, e o casamento um negócio, e os prantos que provoca, nascem antes da angústia, e raras vezes são refrigério, porque não têm suavidade. Jamais em livros portugueses, se viu alma assim feroz e vingativa, interpretando o espectáculo do mundo e o frenesi das gentes, em sensações mais violentas, e em crises de escárnio mais esmagadoras. Camilo agita, como Dostoiewski, o *inquietante*, e tem a visão das realidades cinzentas e brutais. A diferença está em que, mercê dos temperamentos, as catástrofes do russo são quasi tôdas intellectuais, e as do português, quasi tôdas físicas. Educação e atavismos de nacionalidade, proibiram Camilo de exumar de um problema interior qualquer, todos os desenvolvimentos de certos casos de febre espiritual, de delírio psíquico, que são a mola trágica das grandes criações de Dostoiewski. Entretanto, por caminhos antípodas, consegue êle chegar por vezes

C A M I L O C A S T E L O B R A N C O

a conclusões análogas, visionando então, com uma formidável fôrça gráfica, tôdas as energias inconscientes, atávicas, bestiais, que ululam no fundo das almas inquietas ou balbuciantes.

*

* *

A que escola pertence? Em que período de evolução do romance moderno filiaremos nós os seus romances? Respondo à primeira, dizendo que os homens da estôfa de Camilo, pelo seu individualismo formidável, raras vezes se inscrevem em escolas, fundam-nas; e respondo à segunda, dizendo que os romances dêle podem inscrever-se, como poderosíssimos documentos, em todos os períodos da história literária que marquem uma descoberta nova, nessa ânsia de inquirir da vida, que é o fim único de tôda a arte.

Seria curioso entretanto espiar a trajectória dêsse vôo artístico, começado em pleno romantismo, findo no mais ovante da febre naturalista, e todavia salvando-se dos excessos dêstes dois ciclos literários, por uma alta razão que num e noutra o fizeram irreductível aos exageros, e interessado apenas na descoberta da verdade. Êste

CAMILLO CASTELO BRANCO

justo meio de escolha, que livrou a sua obra da precoce decrepitude em que tantos outros ruíram, é apanágio só das grandes figuras; tiveram-no Balzac e Flaubert, Dickens e Tackeray, Nicolau Gogol e Sacher Masoc, observadores em pleno romantismo, poetas em pleno romance de observação, e incorruptíveis sempre aos *partipris* da arte pela arte. Para Camilo, êste equilíbrio em parte vem de qualidades, e em parte de defeitos. Romântico por acidentes de nascimento, e pela sugestão da escola dominante na sua adolescência, teve como Balzac os *toilettes* e os amores escandecidos, quanto lho permitiram, num meio tacaño, a chalaça e a *pruderie* das terras pequenas, que não poucas vezes saíram a desagrar-se ruídosamente, dos escândalos em que êle pretendia agredir-lhes a estultícia e a pacatez. Teve como Flaubert o horror do burguês, que se chamava entre Minho e Douro, o brasileiro; e a embriaguez da côr e das sensações intensas, como Barbey de Aurevilly, causa das suas excavações de linguagem, das suas crises de affectividade religiosa, e ainda de interferência autobiográfica na alma das suas personagens. Faltavam-lhe porém outras características do ideal romântico — o exotismo — que não podia ter quem passava a vida

CAMILLO CASTELO BRANCO

numa aldeia, lendo crónicons, jantando na *Águia d'Ouro*, ou jornadeando em diligência, com labregos, pelas estradas minhoto-transmontanas — a esfervência imaginativa — cujas sedes de heróico, o fundo sarcástico do seu temperamento lhe impediu de tomar a sério, em duas páginas seguidas — sobretudo uma educação requintadamente elegante, uma convivência mundana, uma erudição de viagens, museus, e leituras raras, que lhe permitissem escolher para os seus dramas, caracteres excepcionais, tipos de cavalheirosas *nuances*, e magnificências de cenário condignas da pompa teatral que o romantismo pusera em voga.

São estas deficiências de educação que suprimem nos seus livros o detalhe; não há descrições de interiores, não há cenografia preparatória para os lances. Mas são elas também que lhe avolumam a impetuosidade trágica da paixão, e deixam explodir na sua primitividade bárbara, essas esplêndidas catástrofes que serão sempre o enlêvo do fatalismo sentimental da nossa raça.

Quando mais tarde o positivismo, com os seguidores de G. Flaubert, fêz a sua entrada franca no romance, preparando um critério novo à multidão, centenas de romancistas resvalam

pela Europa, definitivamente, ao esquecimento, e entretanto Camilo Castelo Branco fica como um chefe, nesse grupo novo de crentes, que em Portugal tamanhos esforços fêz por lhe derribar a tiara da cabeça.

— Como um chefe! eu disse. E ficará, porque de roda dêle não há *apregoados* nenhum que não faleça, nem praxista do realismo, o mais alto, que se me não figure empalado entre preocupações e fórmulas transitórias.

António Enes, que tem o dom de visionar em meia dúzia de palavras, subtilezas de razão crítica, a que é difícil chegar sem deduções fastidiosas, exprimiu num artigo do *Dia*, as conclusões que eu neste parágrafo pretendo.

«... Não se pode filiar Camilo em qualquer das *escolas* que aí se oferecem para dirigir o talento, escreve aquêle ilustre jornalista, nem se descobrem modelos que êle imitasse servilmente; os seus processos eram a aplicação espontânea das suas faculdades, e variavam conforme uma delas se exercia mais intensamente do que as outras, por ter sido mais sobreexcitada, ou por obedecer a um acto caprichoso de vontade. Assim, o grande artista consentiu a espaços que a sua terrível veia sarcástica transformasse os retratos

C A M I L O C A S T E L O B R A N C O

em caricaturas, e se às vezes se lhe subtilizava o sentimento, noutras quasi se lhe embrutecia o naturalismo. Não era igual no trabalho porque não era igual a si próprio a cada momento, e porque trabalhava com uma variedade infinita de instrumentos e processos, applicados a um material relativamente pobre, como era por certo o que lhe forneciam os filões da sociedade provinciana. »

Discípulos não deixa, como já Balzac os não deixara, sendo demasiado grande e individual para os fazer. A nossa actual litteratura é tôda filha de pais incógnitos, e servindo apenas para fazer políticos, não vale que lhe esquadrinhemos da crápula originária. Tem saburras de negro e descaros de francesa; é quanto basta! Nem por isso entrarão na Academia menos burros. De resto, não podiam descender de Camilo, escritores que o deixaram ir à cova sem genuflexões nem apoteoses, ou sequer tagantaram as hienas que o cadáver dêle assombra ainda, e que de longe, e a mêdo, lá andam pelos jornais do Pôrto a uivar infâmias contra a sua memória. Porventura virá um dia, quando Portugal não fôr mais que uma

provincia da nação invasora, e o grupo dos portugueses nostálgicos, retrocedendo a mágoa às recordações da pátria perdida, procure o símbolo sintético da nossa antiga vida livre, porventura virá um dia em que o espírito de Camilo se levantará do passado, como em 1580 viram os portugueses levantar-se o espírito de Camões. Então os livros dêle serão martírio e consôlo para êsses contempladores oprimidos sem remédio; avultarão os seus desesperos como sentenças; viverão os seus tipos como abstracções; e tôda a memória do meu adorado país, saltando os anos, outra vez fará verter as lágrimas que eu tanta vez chorei de o ver tão pobre, tão indolentemente passivo, e tão mal guiado.

Ninguém se lembrará dos histriões que ora o apedrejam, nem da cáfila liquidante que nos negoceia e nos esmaga; e o vulto de Camilo, sempre de pé no seu sêrro minhoto, visível para tôda a rosa do espaço, parecerá dizer:

— Fui eu o último!

Eça de Queiroz

I (*)

Conheci-o há pouco mais de um ano, num gabinete de *restaurant* onde êle ia cear tôdas as noites, com rapazes. Espírito adorável, bordado de infantilidades sàbiamente premeditadas para os efeitos cénicos da sedução intelectual, mordacidades de alto e polido estilo, e sobretudo êsse privilégio sagaz de não perder um milímetro de estatura, pela intimidade e pela franqueza, prodigalizadas em volta. É verdadeiramente um homem de raça, com a impressionabilidade múltiplice requerida pela literatura que faz, e uma paciência

(*) Artigo publicado em *O Contemporâneo*, N.º 108, 8.º ano.

E Ç A D E Q U E I R O Z

e probidade admiráveis, que lhe permitem transformar, refazer e destruir mil vezes uma página, sempre que pressinta não traduzir ela nitidamente, a idéia a fixar ou a desenvolver. Tudo nessa figura de cartilagem, franzina e pálida, trai o espírito depurado em requintes subtis, à custa de uma espécie de tortura física, que o rala, ao mesmo tempo que o transfigura. Olhem bem essa *masque* de face cavada e nariz astuto, com olhos de míope alternadamente coriscantes e doces, bôca fina, que sob as asas do bigode, aos cantos se atormenta numa ironia que faz na sua conversa e na sua prosa, um cintilar de espadas em duelo. Ao premir na órbita o monóculo, as sobrancelhas negras estranhamente arqueadas aproximam-se e palpitam, como remiges em asas de corvo, pondo na fisionomia, o quer que seja de um cunho mefistofélico. Voz grave, ora de morosidades mórbidas, ora em catadupa febril. E aí está a *silhouette* do romancista de género, que com Teófilo Braga, Oliveira Martins, Junqueiro, e alguns mais, sintetiza o espírito da Renascença literária, do Portugal de nossos dias. Porque isto não é uma biografia, não detalharei, episódio por episódio, na história dêste temperamento excepcional, as influências de nascimento e educação, a sua resistência pela cábula

E Ç A D E Q U E I R O Z

ao meio dissolvente do bacharelato, e a singular prudência meditada com que, durante os anos da formatura, Eça de Queiroz, ou não escreveu linha, ou se alguma coisa escreveu, tudo rasgou em segrêdo, não havendo atingido ainda a ideal justeza de forma e critério, com que sonhava. Como escritor Eça de Queiroz apareceu na *Gazeta de Portugal*, há bastantes anos, não sei bem — assinando folhetins cuja forma, imprevista pela côr e pelo corte, fêz um escândalo na irmandade de prosadores, que nadando em gloriolas chouteavam, ainda nos moldes clássicos das velhas idades. Tenho lido alguns dêsses trechos convulsos, em que os contrastes e as imagens fuzilam num chuva de estrêlas cadentes, indisciplinadas, sacudindo plumagens de irientes matizes. Aqui e além, reflectem-se as leituras predilectas do artista de então, de cujos clarões ressaltam, em fagulhas de ouro, vivas notas de um espírito, que é extravagante e sério ao mesmo tempo. Essas páginas soltas, em que circula o bom sangue de rapaz, e a alegria instrumenta surpreendentes músicas, foram escritas no tempo em que Eça de Queiroz, bacharel e ocioso em Lisboa, vivia a boémia elegante do *Cenáculo*, instituição vermelha que, instalada num terceiro andar de S. Pedro de Alcân-

tara, se dispunha a bombardear a rotina pátria, a tiros de sarcasmo e de heresia.

O *Cenáculo* tem sido descrito a capricho por cada membro, conforme, segundo infiro, a saúde do respectivo fígado, e o estado de luz, temperatura e pressão do local em que a descrição há sido feita. Ramalho conta-o um centro de sedição literária, em guerra aberta contra o romantismo, tísico já então em terceiro grau, tanto na literatura, como na arte, na política e no figurino — e refere no campo da anedota, do *Cenáculo*, casos de uma graça sem-par, o horror de um filiado pelos patacos, o processo de certo vate parvoinho, o idílio de um moço de grandes pés, e não sei que mais coisas formidolosas. Teófilo Braga, desguarnecendo êsse clube das incrustações anedóticas, operadas na versão oral de cada membro, redu-lo simplesmente a um *cuté* de rapazes, para uso de cavacos amigáveis e íntimos, festins económicos e — naturalmente — amores fáceis. Parece que, por algum tempo, as palestras do *Cenáculo* foram calorosas e concorridas. Iam ali todos os rapazes de talento de então, muitos dos que hoje andam em apoteose, e alguns que liquidaram, na província ou no cemitério, o que vem a ser o mesmo, para o caso. Antero do Quental domi-

E Ç A D E Q U E I R O Z

nava o grupo de apóstolos, com a sua loira cabeça de adolescente inspirado, cabeça que realizando o dito de Castelar, podia conter o infinito, sem ficar com o crânio em estilhas.

E em volta de Antero, os Batalha Reis, Oliveira Martins, Anselmo de Andrade, Ramalho, Saraga e os mais. Perguntei a Eça de Queiroz pelo *Cenáculo*, se o freqüentava muito, e se era verdade o que dêsse pandemónio corria. Não! Conhecera já nos paroxismos, o terceiro andar de S. Pedro de Alcântara, casa de palestra com fins económicos, alugada como reminiscência da *Boémia* de Murger.

Do *Cenáculo* nasceram as conferências democráticas do *Casino*, anunciadas em prospecto a 16 de Maio de 1871, e inauguradas a 27 do mesmo mês com a conferência de Antero — *Decadência dos povos peninsulares*. A conferência de Eça de Queiroz — *Teoria da arte, segundo Proudhon*, foi a terceira. A quinta — *Divindade de Jesus*, pelo judeu Salomão Saraga, apenas chegou a anunciar-se, porque o ilhéu José da Vila, então marquês de seu apelido, anexado da prefixa *A* e mais um *D* com apóstrofe, grande conservador temente a Deus e presidente de ministros, mal soube do título herético da prelecção, correu

lívido de assombro aos braços do levítico Mártens Ferrão, a consultar o manso cordeiro, em calamidades tais. O resultado foi uma portaria proibitiva das Conferências Democráticas do *Casino*, em resumo. A vida de Lisboa, começava porém a enfasiar Eça de Queiroz, pela estagnante ociosidade dos indígenas, o ar amarelento e baço das caras, pelas pilecas do *sportman* derreadas Chiado acima, pelos pianos, pelo cozido, pelos almanques literários, e pelos versitos avulso. Levado na corrente, até já em público bocejava. Para desanestesiar os nervos, dormentes da monotonia quotidiana, começou a inventar *toilettes*, a casar as mais excêntricas côres, e a surpreender-se tôdas as manhãs ante o espelho, com um novo modelo de gravata. Contra êsse tédio que o minava, o tédio de Ramalho Ortigão, seu grande amigo, travara batalha singular, a golpes de figurino — e era de ver qual dos dois, tôdas as tardes deslumbrava a Havanesa com cheviotes de mais variegados matizes. Isto corre; poderá não ser verdade — já não foi do meu tempo, em suma.

De colaboração, Eça e Ramalho encetaram então as *Farpas*, a fascículos mensais de cem pequenas páginas. As *Farpas* tinham como lema estas palavras — *Para baixo!* — e como subsídio,

E Ç A D E Q U E I R O Z

de uma banda um mundo de aleijões e grotescos, e da outra o humor cáustico de dois cintilantes espíritos. Não se descreve o successo da incomparável revista crítica, nem se agradecerá nunca suficientemente, aos dois valentes demolidores, a salutar influência que a sua obra produziu num certo grupo de cérebros novos, que sem ela, ou andariam talvez a esta hora como as lôas de Ferreira de Mesquita — sem eira nem beira, nem ramo de figueira! — ou derivando por córregos serpentinosos, só tarde atingiriam a orientação suspirada. As *Farpas* de Eça e Ramalho agarravam em tudo, nas cuias tortas, nos espartilhos suados, nos crânios ôcos, na Carta Constitucional, nas nisas do rei, na quebra de um Banco, no sete pés e três polegadas do Condestável, numa carta de namôro, condecorações prodigalizadas a barbeiros e traficantes, nos sábios cretinos, em tôda a ordem de pessoa ou de coisa, desde o vadio sem guarida, até ao ministro sem crédito, e vinham à rua sacudir o objecto ou o ser em questão, na ponta de uma tenaz ou de uma pinça. Lisboa atónita a semelhante desafôro, golfou as raivas biliosas, pela pena do jornalismo atochado de ênfase e parlapatice — o que forneceu à publicação moderna um tesouro de inexaurível ridículo.

Mas Lisboa foi-se corrigindo, inda assim, porque se viu subir à presidência do Senado o Sr. Rosa Araújo, ao passo que o relicário gótico infante D. Augusto, ornava o Himalaia dos seus ombros, com dragonas de general. Eça de Queiroz, aborrecia-se mais e mais, na pequenez do meio alfacinha, e na atmosfera de imbecilidade ambiente. E deixando as *Farpas* à porta, de uma como evolução científica, que lhes ia imprimindo o talento de Ramalho, que já por êsses tempos, a espaços, mergulhava em biologias e ciências anexas, descompondo furibundamente as matronas que descuravam da química, na confecção das canjas domésticas, e os examinandos que suavam das mãos — partiu-se um belo dia para Havana, cônsul geral.

Tinha antes, esquecia-me dizer, figurado em Évora e Leiria como secretário geral. Parece que nesta última cidade esboçou o *Crime do Padre Amaro* para furtar-se aos marasmos de terreola, onde o convívio embesta e o fastio desconsola de morte. O *Padre Amaro*, viu a primeira luz na *Revista Ocidental*, jornal em 4.º grande, 100 páginas quinzenais, escrito em espanhol e português, e morto de fome, como é uso na terra, ao fim de quinze ou dezasseis fascículos, tendo-se

já publicado todo o romance, que Eça ausente, não pôde rever.

Li o *Padre Amaro* da *Revista Occidental*, num tempo de rapaz, em que o espirito inquieto tem a grande receptividade de emoção, que vai sugando de tudo que o cerca, materiais que depois expande assimilados numa leviandade que é ao mesmo tempo estouvada e simpática, por ser sincera.

A forma literária dêsse esbôço, era de um desleixo como nunca vi, mas tão pitoresca e tão musical, que palavra de honra, embriagava quem lia. Guardo preciosamente êsse texto, a quem devo um reviramento mental, tão intenso que bem poderia ser comparado a um desabamento. Porque escuso dizê-lo: era o primeiro livro da arte nova, que chegava à desconsoladora penumbra, em que eu então vivia.

Tinha por êsse tempo uns dezasseis anos, era admirador fervente do *Eurico* e do *Conde Soberano de Castela*, tão fervente que chegava a declarar inimitáveis e primas as obras supracitadas, o que é uma calúnia, agora sério. O *Padre Amaro* appareceu depois, modificado e correcto em volume, na chamada *edição definitiva*, e há quatro anos ou três, notavelmente ampliado em

segunda edição, onde Eça modificou a acção, introduzindo-lhe tipos novos.

A nova edição refundida é perfeita e completa, no romance psicológico como no romance físico; o detalhe de exuberância e subtileza notáveis; o diálogo preciso, curto e cheio de movimento, ressalta de verdade crua, levemente facetada de sarcasmos, e de colorido extraordinário, à maneira dos flamengos; todo o jôgo de cena destaca bruscamente os seus desenhos, que pou-sam negros em fundos claros, e claros em fundos negros. A vida de cidade de província vive tão minuciosa como se vista a microscópio, e as figuras passam, conversam, intrigam, oram ou pecam, como nós temos visto viver, morrer, passar, conversar e pecar um mundo que passou por nós, nalgum período forasteiro da nossa existência.

Nesse fundo de beatas falsas, padres contaminados de culpa, alcoviteiras intermediárias de crimes, velhos imbecis ou castrados nauseabundos, um personagem passa recortado em negro, sinistro de ver, mesmo quando sorri e implora, vergado de fatalidades, e sob o pêso constante de uma imposição retrógrada.

É o padre Amaro, carregando nos seus ombros de homem e de propagador, o tremendo fardo do

celibato — blasfêmia que torna odiosa e pecadora uma colectividade.

O *Padre Amaro* é a grande figura do livro, calamitosa e trágica, observada com uma paciência hábil e uma arte surpreendente, desde o seminário, onde lhe obcecaram as aptidões e as alegrias de infante, na infecunda beatice das fórmulas religiosas, e na penitenciária dos velhos claustros até às transições imperceptíveis, e aos perigosos momentos, em que o levita convicto e o manso cordeiro inocente, se transfundem no tonsurado rábula, hipócrita, incestuoso, e egoísta, impondo-se deveres severos por aparência, por cálculo e ganha-pão, vituperando tudo, e tudo corroendo, com a lepra da sua viciosa natureza. Todos conhecem o romance, que não temos tempo para contar. Nos vários episódios da acção, que se desenvolve vigorosa e nítida, aparecem com a maior ciência de desenho e colorido, os personagens de centro administrativo e os vários tipos de uma raça ignorante de província — a política canalha de terreola, em que figuram administradores ociosos, escriturários mal pagos, sacritães neutros, padres verdes, cobertos de apetites exóticos, e mulherzitas que sonham com santos em pêlo, e occultamente se dão aos criados lorpas, de grenha loira.

E Ç A D E Q U E I R O Z

E as cenas são as mais contrastantes de fina observação e pungente realismo, e a tramóia clerical com os seus apêndices ignóbeis, acentuam-se e desenrolam-se, com largo poder iluminante de estilo nervoso.

Eu prefiro-lhe inda assim, salvo num ponto ou outro, a *edição definitiva*, mais sóbria e por isso mais lúcida, onde não predomina como na última, a intenção de deslumbrar por detalhes escusados e multiplicidade de tipos. A *Tótó*, por exemplo, é uma figura que se dispensava bem; a *Tecedeira dos anjos* uma fantasia de artista, sem outro mérito além do mau gôsto, de substituir a cena trágica do infanticídio, tão nervosa e verdadeira na *edição definitiva*. O *Crime do Padre Amaro* é uma obra-prima, igual às melhores que a admiração universal tem consagrado, porque ninguém como Eça de Queiroz compreendeu melhor, com a sua prodigiosa sagacidade de artista, como o romance moderno aspira a ser a fotografia da sociedade, surpreendida no seu labutar incessante ou na sua atonia de decadência — manifestação de arte das mais complicadas e esplêndidas.

Pela paisagem, servindo a dar a feição de um lugar, de tal modo precisa, que se não confunda com qualquer outro, com as côres, gradações, tonalidades, linhas gerais fidelíssimas, e efeitos

de luz, correlativos da sua architectura e da sua flora. Pelas descrições de interiores, resumindo predilecções artísticas do tempo, dando o estilo das mobílias, tapeçarias, quadros, bronzes, artes ornamentais e todos os pormenores de luxo ou simples confôrto, requeridos pelos requintes de opulência, ou exigências de clima e de meio. Fornece à ciência e à história, pelo desenho dos personagens físicos e psicológicos, notáveis subsídios sôbre o empobrecimento ou efflorescência das castas, informando-as com precisão surpreendente dos temperamentos, das aptidões, das actividades e dos vícios, dando o efeito das orientações particulares de cada ser, pelo parentesco com outros seres, em que predomine êste ou aquêle facto mórbido, e esta ou aquela exageração patológica. Nas mínimas deliberações e palavras de um homem descoberto nas analogias, correlacionando dos factos dispersos todo um processo contínuo de elaboração mental, fatalmente ditada por uma informação particular do cérebro; com a mais rigorosa verdade, estuda o tipo nas várias camadas, sem esquecer um pormenor de feição, uma bossa de crânio, uma saliência de músculo, um apêndice de vestuário, um olhar, uma ruga de tôda a mímica complicada da fisionomia, fremente a qualquer emoção.

Finalmente pelo diálogo, eivado de *gíria* pitoresca ou vadia, de fórmulas familiares, estribilhos de velhas cançonetas, rifões, dichotes mordazes ou ditos picantes, os valentes subsídios pelo romance fornecidos aos mais ramos de estudo, fortalecem-se e completam-se, pela acumulação da grande soma de factos observados, e traços característicos colhidos sôbre a vida social de uma família ou de um povo.

Por esta forma, o romancista carece de ser um homem de ciência, pensador profundo, escalpelista sagaz, espírito cheio de critério e bom senso, e sobretudo isto, artista.

O seu processo de análise social, carece como nas ciências de observação, Botânica, Zoologia, Anatomia, de paciência extrema, lente puríssima, olho perspicaz e cabeça sólida.

Não construindo cenas e personagens de fancaria e pura imaginação, o artista vai aos sítios em que vive o personagem, surpreende-o falando por frases cortadas, que auxilia de gestos familiares, respirando o ar próprio do seu meio; na taberna entre a fumarada dos cachimbos; nos prostíbulos em convulsões de bêsta; na oficina ao rumor das engrenagens e ao *tic-tac* dos balancieiros; no escritório, atrofiado na sua vida de

sedentário; no *ménage* com os filhos, à ceia ou sob a luz amiga do serão; na cadeia, a bordo, nos campos, em exercício de profissões ou em gôzo de ociosidades — em qualquer parte, numa palavra. Surpreende-o e interroga-o subtilmente, naturalmente, sem o espantar. De episódio em episódio, reconstrói-lhe o passado; por comparações e deduções hábeis, infere a lei dêsse animal que obedece na vida, como escravo, a um código, que lhe impõem a natureza física da casta a que pertence, as condições em que o desenvolveram, e a energia vital de que dispõe.

Qualquer que seja o seu processo, que é pouco, o seu fim é a verdade, que é tudo, a verdade científica, alumiada por uma sã filosofia, sem nebulosidades e sem convenções.

O romance naturalista, é pois um livro de fisiologia, vulgarizada sob uma forma fácil, e um perfeito trabalho de classificação, que permite escrever os nomes de Claude Bernard, de Bichat, de Vulpian, de Virchow, de Clauss e Darwin, ao lado dos nomes de Zola, de Droz, Cladel, de Flaubert, e de vários outros.

Deixa de ser então, uma concepção arbitrária, para se tornar um problema, de alto relêvo científico e sociológico.

E Ç A D E Q U E I R O Z

Os senhores compreendem decerto, que uma língua depurada pelos clássicos, rígida à fôrça de correcta, própria de académicos pelo enfático dos períodos longos, e capaz sòmente de exprimir idéias gerais e tipos vagos num meio artificial, não serve a traduzir a complicada vida moderna, incrustada de outras sensações e de outros nervosismos, onde a tôda a hora fuzilam as boas e as más tendências, no tremendo conflito da razão com a carne. Múltiplice como é, horripelmente múltiplice, o romance de observação, alargado na área que delineeii, carece da terminologia de tôdas as artes, de tôdas as ciências e de tôdas as indústrias; e sem respeito à estreiteza dos vernaculismos, tem de forjar uma língua própria, precisa e maleável, que seja a fórmula algébrica do pensamento, e nos dê em tôda a sua excentricidade, o cosmos que se pinta, com a profusão fatal dos detalhes, dos caracteres, das manias, das architecturas e dos interiores. Em poucas línguas êsse trabalho está feito. Entre nós, muito menos. Inda agora o encanto dos homens sérios, é um trecho do melífero Frei Luís de Sousa, e os grandes aposentados da literatura em voz baixa, cuidando ferir a grande tecla, aconselham aos cogumelos chinfrins das redacções, assídua e absorvente, a

imitação dos clássicos. Eça de Queiroz trabalhando os seus romances, na carne latejante do meio observado, teve, ao referir das suas vivisseccões, o enorme trabalho de alargar a linguagem, de lançar mão para assim dizer, de certas combinações de palavras dissidentes, de desorganizar o molde convencionando da oração — com sujeito na frente, depois o verbo, e por fim complementos fechando préstito, a tocarem a marcha. Na sua construção literária, roía o nefando insecto dos troncos velhos, que os puristas chamam galicismo.

Razão porque, na primeira versão do *Padre Amaro*, a redacção é extravagante, talvez às vezes dúbia e rebelde, deixando adivinhar a luta do artista contra a forma, luta que já atribulava Balzac, e forçava Flaubert a escrever um livro, êle, tendo acalmado os nervos, num passeio mefistofélico em sete ou nove anos. Não vão pensar agora, que faço dêle um reformador de línguas: mas urge fazer sentir mais êste lado flagrante dessa índole sagacíssima, cuja doentia irritabilidade é um prodígio, na sociedade apática, a que os amigos têm a desonra de pertencer. Já lhe censuraram nos livros, o predomínio dos tipos grotescos, viciosos ou maus, sôbre as figuras hones-

E Ç A D E Q U E I R O Z

tas, cristalizadas em evangélica bondade. Agora sério, nunca vi que nesta decadência de costumes, os bons predominassem, com o relêvo das grandes figuras. Somos essencialmente uns desequilibrados.

Podemos ter nascido idealmente bons, mas a hostilidade do meio febril que tateamos, a luta cruel que ferimos, em resistência aos que conosco concorrem, sedentos de cargos, honrarias, e pão, a necessidade de furar caminho, de arranjar nicho, de predominar, de comer, de saciar os instintos, as vaidades e a carne, cedo nos murcham a primitiva pureza da alma, e nos anquilosam a delicadeza nativa, fazendo de nós uns egoístas risonhos, uns seres esmaltados de bons ditos e excelentes desejos formulados, mas tendo sempre fixa a idéia, de que a larva humana que nos fica ao lado — nos faz sombra e nos rouba o quinhão, que poderíamos devorar sòzinhos.

Absolutamente bons, palavra de honra, só sei dos que, por isso mesmo — foram metidos em Rilhafoles.

Fazendo o reverso duma certa qualidade ou duma certa sensatez, há sempre uma mania, um vício ou um furúnculo, em evidência no carácter ou no corpo. Vejam Júlio Deniz, êsse bem-aven-

turado da pureza humana. É um idealista; as suas mulheres lembram as virgens góticas de *Fra Angélico*, que espiritualizando as fisionomias em êxtases beatíficos, já por fim não pintava seres vivos, mas alminhas da côrte celestial.

«O homem, dizia Balzac, não é bom nem mau; nasce com instintos e aptidões, a sociedade em vez de o depravar, aperfeiçoa-o, fá-lo melhor. É o interêsse que lhe desenvolve as más tendências...» E a fisionomia patológica confirma tais afirmações!

*

* *

De ano a ano, Eça de Queiroz vem a Lisboa, observar de quantos séculos Portugal retrogradou, desde a última visita que lhe fêz. Traz sempre a lente do mesmo grau, a fim de não se atribuir a efeitos do vidro, a mesquinhez da imagem obtida.

E das janelas do Rocio, vê arrastar-se em baixo, a miserável gente, amarela e morna, que vai para o emprêgo público, ou vem da casa de penhores. A fealdade das caras amedronta-o e desconsola-o.

— Mas esta gente, foi então feita por curiosos! diz êle, parando às vezes na rua. No fundo da sua ironia, há uma bondade grave, talvez triste.

E Ç A D E Q U E I R O Z

E o seu olhar doce espia-vos sempre, de relance, luzindo entre as pálpebras unidas de míope, como a pérola por entre os bordos de uma concha bivalva. Um noctâmbulo, êste homem, frágil como uma mulher, e vivaz como um pólipó. Quando o nascente esmaia, e as estrêlas fazem o piscar de olhos garotos, de quem espreita uma nudez lasciva, é que lico e cheio de contracções aduncas pelo quarto, se resolve a dormir então. Ergue-se pela tarde, e trabalha até noite fechada, depois de comer. Janta já noite velha, faz em seguida o seu passeio nocturno. Já cônsul em Inglaterra, publicou o *Primo Basílio*, romance de vida burgueza, caso de adultério, uma espôsa com um primo, na ausência do marido. A culpada é surpreendida por uma criada, que por intermédio dela explora e mortifica a ama. Em tórno dêste episódio, volitam tipos da camada média de Lisboa — o conselheiro; o médico ambicioso e pobre, em rebeldia contra os médios, que ascendem pelo artificio da *pose* ou do parentesco; a solteirona incendiada nos erotismos dos cinquentas: Sebastião, um passa-culpas cheio de bonomia; o Paula dos móveis, caricatura de baixo comerciante filósofo, e alguns mais.

Êste livro foi lido por tôda a gente, e reputado obsceno, pelos moralistas da alta vida literária.

E Ç A D E Q U E I R O Z

É notável que seja das últimas vergôntes, herbáceas e dessoradas, do romantismo, que tenham partido tais acusações, quanto é certo que foi essa camada literária, que pôs a vida cerebral portuguesa num profundo envilecimento, e os costumes públicos, numa decadência visível. Olhem vocecês por aí, êsses estadistas tíbios, que partidos em bandos, alternadamente sobem e descem no poder, com oscilações de balouço, prefixas e concertadas, decretando medidas, e redigindo tratados em que, como nos últimos ainda, não luz o menor vislumbre de senso ou intelligência.

Vejam a cáfila de vates sem miolo e sem leitura, sonâmbulos e pálidos, gozando ainda agora impunemente, de adorações e aplausos, à sombra da boa fé da massa ignorante. Estudem a bicharia coimbrã dêsse tempo, poetando sezonaticamente na Lapa dos Esteios, chegando ao ministério, aos grandes cargos, ao professorado e ao favor, passando as noites nos serões dos Paulistas, a lamber servilmente os pés do sarcasta dos *Fastos de Ovidio*. Foi pasmosa a audácia dessa gente, que arrogando-se superioridades olímpicas, tentou fazer do seu mundo, uma espécie de aristocracia intellectiva.

Aí estão muitos ainda — podem estudá-los na vida parlamentar, nos livros que deixam, e nas

lições que ainda fazem, por êsses cursos e institutos. Fica-se atônito da chatice comprovada em tais documentos, pergunta-se com que materiais foram construídas essas reputações, e que público e que meio, eram os dêsse tempo, para consagrarem assim, tamanha *farandole* de empalhados. Meia dúzia ou uma dúzia, quando muito, se salvam do naufrágio. Os mais fazem dó. Dêstes, andam pejudadas as secretarias e os altos cargos. Êles são os chefes, os medalhões, os ditadores, e os deuses, com *veto* nas grandes questões, e a sua côrte especial, feita dessa gentinha que explora com a vaidade dos parvos. Êles auferem prebendas custosas; os senhores sabem, como temos pago cara, a imbecilidade em que se atolam! Descendo à literatura que fizeram, a mesma coisa. É o solau choramigas o conde Alarcos, a conferência empolada de palanfrório... Dos seus versos e rimances, ou rescende uma lascívia pulha, ou uma chateza autêntica. Imitavam os efeitos que liam do estrangeiro, mas imitavam sem talento, com uma arte córnea, que chega a ser insolente.

E atrás dêles, na bambocha das rimas, dos recitativos, das historinhas sentimentais, em que era divinizado o adultério e outros vícios secretos, iam os patetinhas de almanaque, os esperançosos,

E Ç A D E Q U E I R O Z

os jovens... Esta obra irritante, falava porém ao histerismo das mulheres. Ainda se contam, as centenas de vitórias obtidas por êsses poetas e autores, nas alcovas mais altas, por meio do álbum, onde cada um defecava os *Anelos* e *Devaneios*, que bem lhe faziam conta. Desmoralizaram tudo, êsses senhores! É obsceno, o que é mal escrito. Escreveu Zola — que uma frase bem feita, é uma acção excelente; e que o ignóbil começa, onde o talento acaba. Escrever a verdade em tôda a sua crueza, e por uma espécie de proibidade artística, sempre que o exija o assunto que se disseca — eis o dever impreterível do escritor, que faz anatomia e patologia sociais! Só é torpe, referir com intuito antecipado de escândalo, as cenas cruas e os assuntos lascivos, não tendo em vista o menor propósito crítico, e sem que o requeira a fatalidade lógica do problema a resolver.

*

* *

Estamos fatigados.

Dentro de pouco, teremos em evidência, os romances que o valente artista nos prometeu há anos, e se chamam: — *Os Maias* e *A Capital*. Êsses

livros continuarão os triunfos de Eça de Queiroz, mostrando-lhes aos senhores mais nitidamente, que eu poderia aqui fazer, o glorioso e sereno perfil, do grande analista, que o *Contemporâneo* hoje tem a honra de saudar.

II (*)

Duma irmandade tuberculosa, que se foi indo, mais ou menos elegantemente, para as bolorências do sepulcro, Eça de Queiroz tem sido, depois de uma irmã que resta ainda, a mais resistente vergôntea da família que o magistrado Queiroz criou entre os exemplos da sua proverbial e austera probidade. Conheci-lhe dois irmãos (1).

(*) Artigo publicado em o *Brasil-Portugal*.

(1) Dêstes rapazes, até o mais novo, Carlos, ainda em plena posse de saúde, estando a família de nojo pela morte de Alberto, lhe aconteceu vir uma véspera de Santo António à janela do quarto andar do Rocio, onde moravam. Eram dez horas, na praça grande assoisse de gente, em des-cantes e danças populares: e o moço, a conversar com uma das visitas à varanda, dizia, lastimando a horrível tara que

E Ç A D E Q U E I R O Z

Alberto e Carlos, dum dos quais fui camarada de escola e companheiro de estúrdia, em anos juvenis, e que com seus ditos mordentes, sua viveza macabra, suas falas literatiças, seu jano-tismo inglês pretensioso, dir-se-iam socialmente encarregados de vulgarizar pelo mundo edições baratas do irmão José Maria, o grande homem da família, nas duas fases de boémia artística anteriores à sagração que lhe veio do *Padre Amaro*.

Eça de Queiroz foi sempre uma organização debilitada, um poste de ôsso suspendendo fios eléctricos de nervos, êste predomínio nevrótico explicando as sensibilidades de esteta que lhe fizeram na vida literária o temperamento intenso de humorista, assim como na material, em coisas de mesa, vestuário, amor, arte e confôrto, um dêsses tipos de aristo, cuja degenerescência recorda, pelas predilecções sensuais, cepticismo delicado, inconstância do diletantismo, raridades frustes de elegância,

lhe carriara os irmãos para a sepultura — «qual de nós será que vai agora?»

Inda não dissera estas palavras, torna uma voz da rua — «agora és tu». Carlos Queiroz nunca mais pôde esquecer o vaticínio, que efectivamente se cumpriu, meses depois, falecendo aquêle de febre galopante.

o que trazem as crônicas sôbre certos príncipes perversos da Renascença.

Quem via a sua cara chupada, verde-terra, o seu bigode sem fôrça, as têmporas deprimidas, a bôca murcha, de sorriso rugoso, e como conjugando os beiços para uma espécie de beijo vicioso — quem olhava essa figura de fadiga, marreca de cansaço, bamboleante no ramerrão arítmico dos passos — êsses olhos de esclerótica enxundiácea, sem viço, em que tôda a verve parecia vibrar na quási contínua circumflexão das sobranceiras, essa elegância de cabide, onde, pelo escanzelamento da figura, as sobrecasacas nunca cingiam, e as calças flutuavam, sem lhe caírem bem nas tíbias de cego-nha, mal diria que naquela aparente morte da vontade, sob tão valetudinárias quebreiras, estivesse um dos mais altos sensacionistas do Portugal contemporâneo, um espírito de facetas, refrangendo a civilização por paradoxos, um satanáes enfim, varrido da mocidade, absorto na idéia suprema de beleza, e morrendo, positivamente morrendo, como todos os artistas, de habitar, com aquela alma apolínea, êsse desmantelado corpo de fantoche!

A sua agonia era já longa, datava de quatro ou cinco anos, quando a tuberculose hereditária

se lhe fixou na forma mesentérica, a mais prosaica para um dândi amoroso da graça poética, e a que mais ofensivamente devia contundir os seus pudores de gentil-homem. Com intervalos pequenos de melhora, viveu todo êsse tempo em suplicios de digestões intestinais, mal ultimadas, febrículas nocturnas, irritações, suores, extenuantes insónias, todos os rebates dum esperecer gradual de seivas e energias, de cuja noite abismal, a certas horas, a face verde-terra e o olhar encinzeirado, traíam o mortal pressentimento.

Pela complexa tèmpera de escritor, pelo mundanismo da vida e das viagens, Eça de Queiroz é um caso de cosmopolitismo, raro bastante, senão único, na literatura portugueza, e como tal o havemos de julgar, longe e bem longe da disparatada apoteose, dos encómios bombásticos, das faróflas exhibitivas de alguns jornalistas incôscios da justiça, e rebeldes do critério do *justo meio*. Em 1878, escrevia êle na *Renascença*, um artigo a respeito de Ramalho:

«Há quasi doze anos appareceu, vindo parte de Coimbra, parte daqui, parte de acolá, uma extraordinária geração, educada já fora do catolicismo e do romantismo, ou tendo-se emancipado dêles,

reclamando-se exclusivamente da Revolução e para a Revolução... »

Esta geração nascera, tôda a gente o sabe, da bestificação em que caíra, por minguia de criadores originaes, a literatura portugueza, reduzida a traduções de poetas latinos e à imundície do elogio mútuo, causas longínquas da dissidênciã coimbrã contra o pontificado de Castilho, codificada principalmente no panfleto de Antero, *Bom senso e bom gôsto*; e tomara foros de grupo dirigente, no *Cenáculo*, espécie de boémia artística formada em Lisboa pelos insurrectos de Coimbra, já bacharéis e sem emprêgo, de roda aos deslumbra-mentos do cavaco de Antero, cujo misticismo metafísico fazia dêle uma espécie de génio perturbante e iluminado, ajuntando-se-lhes outros, de proveniência vária, de rustilhão com alguns janotas simplesmente interessados de fisgar pela evidência, modo de vida ou casamento. Não posso mesmo afirmar que o *Cenáculo* tenha tido existência de sociedade literária ou centro de cavaco regular; porventura a palavra não passaria dum modo de designar, na literatura nova de entre 1866 e 1872, o grupo preponderante, vivendo em comunidade de patuscadas e de idéias, e celebrando polémicas e conferências um pouco ao

acaso dos encontros, nalguma esquina célebre, num botequim nocturno, em casa dum, em casa de outro...

O certo foi que dêste grupo saíram, por sugestões do espírito organizador de José Fontana, as chamadas conferências democráticas do *Casino*, de que fizeram poucas, por o duque de Ávila as ter mandado cessar quando se ia discutir matéria religiosa, e que a prosseguirem, teriam feito nos cerebrais uma renovação mais rápida de idéias, a avançar de muitos anos o ramerrão filosófico e artístico da terra.

As conferências do *Casino* foram, como mais tarde as duas reuniões preparatórias do *Grupo Republicano de Estudos Sociais*, o rebate duma consciência nova, formulando, na morrinha nacional, sêdes de ar puro; a rotina governativa, sempre acanhada de andar por mãos de caixeirolas políticos, asfixiou-se à nascença, o que nem foi preciso fazer aos vagidos do Grupo, circunscritos à divulgação dum programa curto de estudos, que ninguém inaugurou, de sorte ao Grupo morrer antes de ter nascido, no meio das chufas da pulhastraria da imprensa e da má língua, sempre irritadas pelo advento de qualquer idéia inteligente.

A conferência de Eça de Queiroz chamava-se *Realismo na arte*; aí se punha a teoria de Proudhon, modificada talvez no critério do artista pela resplandecente idealidade esparsa da *Comédia Humana* e dos romances de Stendhal e Flaubert.

Assim como, quem historiar na literatura portuguesa a renovação romântica, tem de deter Garrett, Castilho e o ilustre Herculano, como avocadores dêsse período «*à la fois très arbitraire et très exalté, surtout sublime...*» diz Bourget, trazido por êles da emigração e das leituras, com a sua necessidade de sensações, intensas, a nostalgia das grandezas, das decorações sumptuosas, do exotismo huguesco e bironiano, dos tipos excepcionais e das fortes seivas físicas, focadas pela selecção das guerras napoleónicas — assim, quem entre nós disser do realismo, recordará por seu turno o grupo do *Cenáculo*, como aquêle de cujas assimilações literárias e críticas brotou a, poderemos dizer, moderna e última renovação das letras pátrias, enquanto se não definir outra que formalmente possa derogá-la.

Nesta sorte de *émeute* intelectual punha-se a urgência de aliar a filosofia à poesia, que deixada ao subjectivismo metafísico, ia forçosamente res-

valar num pessimismo místico e idiota — reclamava-se uma filosofia inspiradora, indispensável a tôda a concepção estética, e disciplina crítica que aplicada à história, à filologia, às tradições, aos costumes, aos ideais e às tendências, engatassem Portugal ao formidável combóio da Europa activa, «evitando, diz Teófilo, a especialização que amesquinha as inteligências, ou a dispersão incoerente dos estudos, que leva à banalidade acobertada com o verniz do estilo». Referindo-se à gente do *Cenáculo*, dizia Eça de Queiroz, no artigo da *Renascença*, já citado, «esta geração tem o aspecto de ter falhado».

Falhar, nem tôda. É mesmo das borregadas literárias que maior número de trabalhadores tem produzido — veja-se a obra de Oliveira Martins e de Teófilo, de João de Deus, Eça e Ramalho, alguns livros de Anselmo de Andrade, os profundos sonetos de Antero, e coisas dispersas mais, obra minúscula que não vem agora destrinçar.

Eça de Queiroz, bacharelado com o seu R. de cábula mergulhador e jogador de porta, de inquilino crónico da *coelheira*, facilmente aceitou, à volta de Coimbra (como ainda não fôsse célebre, e nem sequer rico nascesse), uma destas dobra-

diças que a política tem sempre ao dispor das vadiagens que prometem. Desde a saída das aulas e a vinda para casa dos pais, um pouco murcho, visto não abundar o dinheiro, e êle sentir nitidamente, no conflito da vida, a irrisão das cartas de bacharel — desde a saída das aulas que começara a mostrar, na *Gazeta de Portugal*, primícias dum estranho amôjo de erte manado em preciosas páginas poéticas. Quem fôr ler êsses bocados errabundos, dum estilo fluido, francês voltitando em *boutades*, e todo cheio de maravilhosas asas que o balouçam — êle humorismos, paisagens, histórias fantásticas, visões onde o romantismo francês e o humorismo inglês se dão o braço, onde João Paulo surge entre Carlyle e Michelet — coisas de sonho, coisas de humor, coisas de tédio, em que perora o bacharel foragido da magistratura pelo R. e se alucina o cérebro do antigo leitor do Quincey e de Poë, para logo diagnostica um temperamento ácido de esteta desdenhoso, de narrador estudando as trivialidades da vida à luz duma espécie de lógica sardónica de doido, e na parte biografal o preparo lento, antigo, que desde Coimbra êle secretamente cumulava; para surgir em público, escritor feito.

Tentou mariá-lo, diz-se, a camarilha partidária.

Redactor dum jornal político em Évora, em que julgo colaborou depois João de Deus: administrador do concelho de Leiria por alguns meses, aí sofreu directamente a quietação deletéria da província, onde sob artificios, de hospitalidade e bonomia, os fermentos da velhacaria humana misantropisam cedo as almas delicadas, pois lá a perversidade lorpa, tem um rechaço grosseiro que os bons rurais não sabem mascarar sob êsses *abatjours* de côr irónica ou graciosa que a civilização lhe põe, para a fazer suportável às pupilas doidas e sensibilidades estancadas.

Em Évora veria êle o fundo de intriga padresca que no *Padre Amaro* move, de roda da igreja de Leiria, onde até figuras, como as Gançosos, o Libaninho e o Sr. Chantre, algumas como seus nomes, são recordações pessoais da sua fastidiosa vida de jornalista transtagano. De administrador do concelho de Leiria, onde um namôro com uma mulher casada lhe deu por algum tempo o papel, um pouco almaço, que tem Mr. Leon na *Bovary*, Eça de Queiroz passou para as esquinas da Havanesa, a fazer concurso de cônsul, derreado pelo nihilismo bestificante do campo, e a irritação do orgulho causada pelo meio bossal daquele burgo

de agrícolas, onde as suas preocupações do trajo passavam por toleima, e a terrível, pôsto refreada ironia do seu lábio, chamava o ódio das vítimas a uma conspiração de calúnia sempre àlerta. À entrada em Lisboa trazia começado o seu romance *O Crime do Padre Amaro*, que viu luz na *Revista Occidental*, em 75, numa versão com todos os mordidos da moldagem primitiva, êsses barbarismos pitorescos, duma sensibilidade hiper-aguda, tropeçando em obtusidades de prosa inexperiente, êsses neologismos de forma gravativa que um novo encontra para enquadrar a idéia, fresca, a escorrer vida, nos instantâneos da expressão — e que para os artistas, como peça de processo, é a mais bela das três formas que Eça de Queiroz deu ao romance, nas sucessivas edições em que appareceu. A idéia do *Padre Amaro* viera-lhe em Coimbra, estudando, servindo, como disse, os desterros provinciais para o proverem de notas, detalhes, tipos com que vestir a acção e povoar o quadro de figuras. Longo tempo o manuscrito andou pelas gavetas e malas de viagem, hibernado, trabalhado pelo escritor na angústia do segrêdo, cerzido e acrescentado no meio das fôlhas de gestão que faz o cérebro dos nervosos, alternativamente estúpido e vidente, segundo a aura em que a coluna atmosférica, a umidade do

ar, o repouso da noite, a digestão e os ventos dominantes, lhe modalizaram o espírito doente: e já o *Senhor Diabo* e as *Singularidades duma rapariga loira*, a primeira narrativa realista escrita em português, tinham vindo, com o seu estilo desarticulado, *kodakisado* do real, cheio de ironia aguda, e lirismo pessimista, espavorir a chapa rotineira das artes de escrever em Portugal, a ponto do próprio Herculano repulsar o bocado como: « uma tradução pior de francês péssimo », o que bem mostra o abismo que, tão perto ainda, separava já as duas épocas.

Com a permanência de Queiroz em Lisboa, a aguardar a nomeação de cônsul, prometida, resultou a colaboração das *Farpas* com Ramalho, que tiveram em Portugal e Brasil, voga notável, e foi moda seguir como evangelho de dandismo e *bel esprit*. Essa colaboração se acha hoje em separata de volume, apensa à edição nova das *Farpas* sob o título de *Uma campanha alegre*, me parece, e aí se confirmam e robustecem as qualidades que os artigos da *Gazeta de Portugal* pronunciavam: uma juvenil desenvoltura, a fantasia escandinava, ultra-poética, um estilo de nervos e de esgares, uma verve de paradoxos e contrastes; sòmente a mão do escritor é mais feita, e ganha justeza e forma,

brunindo-se de flexuosidades de aço e de oiro fino. Em 1872 ficaram as *Farpas* exclusivamente entregues a Ramalho, que iniciara uma espécie de fase científica, apregoada por Teófilo como inspiração «da forte disciplina mental recebida no curso de Filosofia Positiva de Augusto Comte» — patacoada de mestre demasiado baboso pelo aluno, e que certo fará sorrir quem conhecer essa quadra inferior do panfleto célebre, que não podia fazer pensar os antigos fiéis, com biologices e sociologices da biblioteca de dois *sous*, e por outro lado perdera a graça, o dandismo, o riso, o encanto literário, em detrimento de missões para que o seu redactor não estava preparado.

É também dêste período (1870) o romance epistolar *Mistério da Estrada de Sintra*, que os dois amigos escreveram para o folhetim do *Diário de Notícias*, barulhada emocional, escrita sôbre o joelho, mas desgrenhadamente brava e antoniesca; com seus lances patéticos, seus quintos actos candentes, sua condessa loira, seu cadáver de inglês num cuté misterioso, seus mascarados fidalgos, sua espanhola ao mar, seu corsário correndo a plenas velas, que fêz bater o coração de muita gente, e é o último adeus, irónico embora sob as lágrimas, do romantismo congénito dos autores —

romantismo de herança e encerebração inconsciente, apesar da cultura moderna e suas profissões de fé naturalista — e em que Eça de Queiroz ainda últimamente, na fabulização dramática dos *Maias*, mostrava o topête grisalho, familiar, *gá-gá*, como quem diz «hei-de morrer na casa, só por teima...» Aí por 1872 ou 73, Eça de Queiroz foi despachado cônsul para a Havana, e dessa época até à morte (isto é, durante 27 anos mais fecundos e melhores da sua vida) nunca mais viveu em Portugal senão por férias de dois, três, quatro meses o máximo, separadas por três e quatro anos de ausência, e na mais completa desatenção pelas transformações radicais que, durante êsse tempo, a sociedade portuguesa ia sofrendo. Essas vindas à Pátria, passava-as Eça de Queiroz em Lisboa, num quarto andar do Rocio, ou depois de casado, no Pôrto, a dormir de dia, almoçando à noitinha, e a sair só quási depois do lusco-fusco, à palestra com velhas relações, ou nos restaurantes, com admiradores, de quem êle se deixava cordealmente aproximar, desprezando-os com a elegância mais polida, até que a manhã clareava os vidros, dando de mão à comédia literária.

A êste período de 27 anos, fora de Portugal, pertencem os seus romances e trabalhos de mor

fôlego, como *O Crime do Padre Amaro*, *O Primo Basílio*, *O Mandarim*, *A Reliquia*, as *Cartas de Fradique Mendes*, os prefácios do *Almanaque Enciclopédico*, a *Ilustre casa de Ramires*, e alguns escritos mais que se diz deixou inéditos (1).

Escorrida a sùmula do que antigas e aturadas leituras daqueles livros me permitem pensar sôbre o seu mérito, concisamente direi de cada qual só o bastante à elucidação do meu juízo geral sôbre a glória do escritor, sua categoria hierárquica na série, e do seu papel, na época em que veio. E a maneira de, com o espírito de justiça que me guia, a pena se me não trasviar pelo meio das balelas parvas dos jornais, e dos que me lerem, sentirem o quanto a minha imparcial razão pede equidade para os mortos, retirando a uns o exa-

(1) Nasceu na Póvoa-de-Varzim em 1846; formado em direito em 1867. Publicou na *Gazeta de Portugal*, entre outros contos, o *Milhafre*, *Memórias duma fôrca*, o *Senhor Diabo*, etc., e na *Revolução de Setembro*, a *Morte de Jesus*, que Junqueiro diz ter páginas deslumbrantes.

O Crime do Padre Amaro, que dissemos ter sido alinhavado e notulado durante os anos de Coimbra, Évora e Leiria, e inserto na *R. Ocidental* em 1875, conta a primeira edição em livro, ou *definitiva*, em 1878-79; e em 1880 a segunda, ou *inteiramente refundida e recomposta*. *O Primo*

E Ç A D E Q U E I R O Z

gêro de glória que outros, maiores desconheceram — mais perto do nosso coração e da nossa raça — à hora de morrer trágicamente.

O Crime do Padre Amaro pode chamar-se em romance, a obra capital do romancista, que tendo podido estudar o tema em pleno foco de beatério nacional, enquadrá-lo em fundos nossos, fêz por êsse facto uma obra íntegra, a que todavia faltam o realce duma intensa psicologia, dum estilo feito, e duma linguagem escrupulosamente castiça e portuguesa.

A Oliveira Martins, cujo senso crítico, em obras de imaginação, não valia grande coisa, ouvi todavia dizer, lúcidamente, que «era êste o único romance que Eça trouxera no ventre, e tudo mais eram trabalhos de humorista».

Basilio teve a primeira edição em 1878, *O Mandarin*, em 1880; *A Relíquia*, em 18...; *Os Maias*, em 1888.

As *Cartas de Fradique Mendes* apareceram, com biografia, na *Revista de Portugal*, em 1889-90.

Os prefácios do *Almanaque Enciclopédico* pertencem a 1896-97, e enfim, a *Ilustre casa de Ramires*, acha-se incompletamente publicada na *Revista Moderna de Paris*, 1898-99, por ter cessado a publicação dêste jornal. Não há, até ao presente, outras publicações em livro, do escritor.

E Ç A D E Q U E I R O Z

O Primo Basílio é um caso de adultério num meio de pequena burguesia.

No artigo sôbre Ramalho (*Renascença*), leio os seguintes períodos: «seria, diz Eça, um romancista extraordinário, se fôsse psicólogo como é desenhista, e tivesse o instinto certo do momento dramático, como tem a visão exacta da atitude caracterizante. Uma obra admirável que êle poderia fazer, seria uma larga caricatura da época, à *Pickwick*, dando apenas as superfícies da vida, as grandes linhas, pondo em relêvo, com uma factura ampla de contornos grossos; o cómico contemporâneo».

Coisa interessante vem a ser que neste projecto de obra jocosa, alvitrado ao amigo, melhor, muito melhor do que na idéia complexa de romance, se podem catalogar *O Primo Basílio*, *Os Maias*, e as molduras cómicas de *O Mandarim* e de *A Relíquia*, que são antes humoradas cruéis, de diabo coxo, judiarias de pícaro em licença de vinho iconoclasta, irmãs gémeas das caricaturas de Bordalo, do que pròpriamente sustâncias dramáticas autopsiadas sôbre o vivo, fatias de mundo, latejantes do golpe, a escorrer o sangue arterial da fôrça viril, do instinto amoroso, da consciência crítica e da acção.

E Ç A D E Q U E I R O Z

Sôbre *Os Maias*, juízo idêntico ao de *Basilio*: uma galeria estranha de grotescos, *retratos-charge*, ligados por um fio de melodrama inverosímil, que dir-se-ia visto em certos actos internacionais de peças de Sardou (1).

A mais completa ausência de vida interior nas personagens, que quási tôdas falam, procedem, pensam, segundo alguma falha moral de irresponsáveis, com a vida da ironia literária do autor, e a fôrça da negação que nos faz agradecer a Deus a providência de nunca a sua obra poder vir a tornar-se popular. Não conheço da *Casa de Ramires* senão bocados da *Revista Moderna*, pouco seguidos, que me deram a impressão de fundos de gaveta e restos de pachorra prosante, com assinaladas asmas de entrecho, e bastantes rugas de precoce antiguidade. Porque Eça de Queiroz o reviu, e dizem que refêz, ressalvo juízo ingrato, esperando que uma edição livresca mo esclareça a tôda a luz. Do *Mandarim* e da *Relíquia*, que dizer? Em ambos a narrativa fantástica sai duma moldura trocista de casa de hóspedes e coio de beatos, repisada do serão da S. Joaneira do *Padre Amaro* (o tal romance que Eça de Queiroz tinha no ventre), e

(1) *Fernanda, Odete*, etc.

até com tipos idênticos, que mal dispõe o leitor, com suas grossas mordacidades, e garotadas de escolar, a sugerir-se o crepúsculo de assombro sob que deve ser recebido, num, a corrida macabra por Pequim, no outro, o sonho histórico da Judeia de Antipas Herodes e Jesus Cristo.

Dada esta impressão geral das obras de Eça, publicadas em volume até agora, fixemos num sucinto quadro o resumo das suas qualidades boas ou más de homem de letras.

A primeira coisa que salta é a pobreza estrutural do estilo, e a miséria profunda do vocabulário repisado. Comparando trabalhos de maturidade, com os primeiros ensaios da *Gazeta de Portugal*, e edição primitiva do *Padre Amaro*, sente-se que o escritor neste campo, declinou, ou melhor talvez, não progrediu, e que a abundância e finura dos motivos pitorescos, realçados nestes primeiros escritos, não foram supridas, à proporção que iam murchando, por nenhuma dessas outras qualidades de factura que traz a prática de escrever, lapidadora da forma, variadora infinita das cadências, que enriquece o ritmo, areja e precisa, nas suas arestas de rosa, a jóia do vocábulo, transformando pouco e pouco o teclado rude da palavra, num maravilhoso aparelho registador de sensações e

notulações do *eu* vibrante. Quem, por exemplo, ler de seguida o *Primo Basílio*, a última edição refundida do *Padre Amaro*, os *Maias*, as molduras grotescas do *Mandarim* e da *Relíquia*, e a introdução das *Cartas de Iradique Mendes*, não pode furtar-se a uma impressão de lazeira monótona, de fadiga acústica, ante êsse estilo de impressões físicas, mordacidades destrutivas, vivazes sem alcance — estilo de períodos curtos, e às vezes, pelos rebôcos sucessivos da recópia, pouco nítidos, cuja estrutura derreada se repete em rosários de orações idênticas de ritmo, sem inversões nem cadências, traindo o esforço duma observação sem subsídios, e a amnésia da fantasia que, perdido o hábito do sonho, não pode mais, pela secura congénita, recorrer ao sentimento. Tudo isto resulta do precoce esgôto mielasténico e cerebras-ténico do romancista, que sendo de nascença um fraco, criara desde moço necessidades sensuais que haviam de lhe desbaratar a fôrça neurica antes de tempo.

De facto, perdido o estômago pelo hábito dos exotismos culinários, das ceias artistas, até de manhã, com vícios loiros, cortadas pelo esforço horrível de ter graça entre dois males — falseada a higiene do trabalho, que nos homens de

pena cada vez mais requer viriculturas solícitas, desinfecções morais, meticulosas — a ânsia de amar, eleganciar, viver, feita cêntupla, o pobre neurasténico achou-se súbito com uma pavorosa despesa de fôrça, para o que dez mil calorias como a sua seriam talvez pasto mesquinho na devorante fornalha que o ruía.

Dêste esfalfamento precoce, a derivante primeira é embotar-se-lhe a fantasia dos lucilados primeiros trabalhos, essa japonesisse estranha que às vezes passa a curva de certos períodos seus, damasquinando a sêda dum oiro velho de *foukoussa*, e não lhe ficar para o aperfeiçoamento da forma, êsse retardatário instinto da pureza castiça, que sem excluir nervosidade, fizesse do seu estilo, um estôfo unido, eléctrico, drapejando em pregas nobres, elástico de trama como a gaze, espumando o ar da graça rósea, do neologismo técnico, da modernidade perversa sob o contôrno antiquado, em que as artes de escrever desabrocharam desde a intervenção do objecto de arte na vida do poeta e do escritor.

Outras ruínas após fazem seqüências: o equilíbrio das faculdades criadoras perdido a ponto dêle em certas obras (nos *Maias*, por exemplo, e alguns capítulos da edição refundida do *Padre*

E Ç A D E Q U E I R O Z

Amaro) ver primeiro que o espinhaço do entreccho, detalhes incoordenados, episódios secundários cativando-o pela mancha, pelo escândalo da *charge*, ironia perversa do paradoxo: tôda a noção de drama, isto é, de acção, reduzida por vezes a libretos de farça e fabulações de melodrama, sem mor escrúpulo pelas realidades da vida, e fôrça coesiva da lógica, num fim pueril de galvanizar enormidades de sátira, que para logo lhes tiram todos os visos da razão...

Pelo diálogo poucas vezes o carácter dos tipos se retrata; umas vezes invade-os a *blague*, ou a linha moral em outras se desmente, a tropeçar em contradições dum profundo vazio psicológico; o que êle apercebe nas falas é o detalhe que julga característico, e quando muito se quêda em pitoresco; ou as figuras não falam, e é êle que vai contando o que elas dizem, esmaltada a resenha de algum dichote ou frase realista, que só porém recorda a silhueta externa, dá o contôrno do vulto, e uma ou outra vez as arrebanha em grupo e dá semelhanças atávicas de classe, sem todavia fixar por dados psíquicos, infinitas sucessões de estados affectivos, equações de álgebra moral, aquilo que se lhes poderia querer do tipo vivo, inconfundível, uno e sem irmão na série psicológica.



Claro, que um estilo assim boémio, de visão quási exclusivamente física e monótona, e vocábulos exíguos, poucos, pintando mal, orquestrando pior a música do período, estilo anti-gramatical, pouco desenvolvido no sistema ósseo, puído de cosmopolitismo, com a língua grossa da regorgitação francesa, indigerida, raro será apto a exprimir do homem mais que a bêsta obrante, a descrever-lhe os costumes, o passo, o porte, idas e voltas no ergástulo da vida, a sarabanda tôda das modalidades exteriores — isto em detrimento dessa sensibilidade intelectual, analítica, que atingem outros, como Balzac, Stendhal, Tolstoï e Jorge Eliot, à fôrça de reflexão pessoal, de interpretações eruditas, contínuas, do próprio eu, chegando a coleccionar factos morais como quem colecciona *bibelots*, e a autenticar em finas plurigrafias chamadas romances, tôdas as doenças morais do homem moderno, missão superior das literaturas contemporâneas. Na espécie de *secura precós* a que pendera, mercê dêsses vinte-e-sete anos longe do canto de terra escolhido para teatro das suas fábulas e pinturas, a mesma paisagem em que era exímio prosaísta (como a forma não seja senão um capricho da côr, particular), e de que há no *Padre Amaro* e no *Mandarim*, tão lindos panos

decorativos, a mesma paisagem parece que perdera nêle a idílica frescura, o *impromptu* material, arcoirado, revertendo a descritivos, como a paisagem de Sintra e corridas de cavalos dos *Maias*, donde a emoção debanda a açoites de humorada, na acidez dum espírito que regateia a êste amado país, até a glória do sol, e a mágica ridente dos seus campos.

A falta de temperamento filosófico, cultura filosófica, deviam levá-lo, disse, a ver por fora em vez de olhar para dentro; em vez dum psicólogo freqüentador de tôdas as horas do homem, à procura do eu determinista, em vez dum criador de almas, como os grandes — a sua organização discursiva, a sua impressionabilidade cortical do detalhe físico e da palavra viva que o releva, o foram transfazendo pouco a pouco num cronista, mefistofélico de vícios, num pintor de género, algo maldoso, ou se mais largo querem, num romancista de costumes. Sudermann, Haupman, Strindberg, Ibsen, Bjoersnstjerne-Bjoernson, Tolstoï, Dostoiewski, Henryk Sienkiewicz, Gogol, Gunar-Heibeig, Balzac, Stendhal, Shakspeare, Jorge Eliot, Artur Pinero, François de Curel, são pintores de caracteres, vendo de dentro para fora o homem espírito, nas suas catástrofes de senti-

E Ç A D E Q U E I R O Z

mento e decomposição da vontade, sofrer a lei irónica que lhe domina tôdas as falazes energias. Sacher Masoc, Knut-Hamsun, os dois Goncourts, os dois Marguerites, Paul Adam, o próprio Zola, com o seu registo de impressões nervomaniacas, os seus detalhes intensos, a sua paixão do descriptivo (bric-a-braquismo, paisagismo) e aquêle estilo renovado incessantemente em dicionários de artes e officios, construções rebuscadas, notações extravagantes, são romancistas de costumes, vendo de fora para dentro o homem de relação, comparsa ridículo num drama cósmico gigante, fantoche movido por sensações e instintos bêstas, e que assim surge no drama ou no livro, como êsses bonecos cortados num fundo opaco, e feitos valer à luz pelos contornos.

Os primeiros ou escritores de idéias (dizia Balzac), representam as personagens em relêvo, conseguem dar-lhes autonomia moral, fazê-las unas ; os segundos, escritores de imagens, só sabem caracterizar medianias, os costumes e traços por onde o homem se assemelha a uma classe, e ressabe às pechas da sua profissão. Neste grupo de romancistas de costumes, os tipos são sempre poucos, por se não tratar de almas diferentes, mas de documentos duma certa vida quotidiana,

E Ç A D E Q U E I R O Z

poucos, e êsses poucos vulgares, sem nobilificação nem epopeia; o drama, ou falta, ou em vez, dum núcleo de acção, é apenas pretexto clorótico de *Kodaks*; a psicologia, curta, porque não há curiosidade das situações do coração, todo o esforço cifrando-se em fazer render a sensação pitoresca, cujo primeiro rosciler é a forma, que atrai o leitor pelo bisantinismo do vocábulo, mordacidade mais ou menos vivida de crítica, e bizarrria artística da sintaxe. Eis o caso dêsse terrível Eça de Queiroz, que demais teve sôbre os representantes equilibrados do grupo, o predicado da ironia corrosiva, do rir sem eco, de caveira e de máscara, por onde a blasfêmia baba, como por uma bôca de *voyou* que tivesse nascido gentil-homem. Eis o que com pequeninas variantes percebe, nos romances e contos do escritor, quem lá fizer leitura comparada e paciente, mui poucos tipos, que desenvolvidos ou retraídos, são por todos os livros, versões de três ou quatro manequins invariáveis (1); uma certa importância dada à des-

(1) «... assim, diz V. que os meus personagens são copiados uns dos outros. Mas, querido amigo, numa obra que pretende ser a reprodução duma sociedade uniforme, nivelada, chata, sem relêvo e sem saliência (como a nossa

E Ç A D E Q U E I R O Z

crição, sobretudo nos *Maias*, no *Amaro* e na *Relíquia*; mui pouco drama, que a não ser o *Padre Amaro* e o *Primo Basilio*, é uma fábula incoerente, ligando mal instintos bestiais; a cada instante a interferência do panfletário demolindo com chufas a boa fé do leitor quanto à ilusão real da narrativa; e como qualidade avassaladora, suprema, a ironia, agredindo por vício de educação, por frialdade de sangue, por *ignorância negadora*, e que

incontestavelmente é) — como queria V., a menos que eu falseasse a pintura, que os meus tipos tivessem o destaque, a dessemelhança, a forte e crespa individualidade, a posante e destacante personalidade que podem ter, e têm, os tipos de uma vigorosa civilização como a de Paris ou de Londres? V. distingue os homens de Lisboa uns dos outros? V., nos rapazes do Chiado, acha outras diferenças que não sejam o nome e o feitio do nariz? Em Portugal há só um homem — que é sempre o mesmo, ou sob a forma de dândi, ou de padre, ou de amanuense ou de capitão: é o homem indeciso, débil, sentimental, bondoso, palrador, deixa-te ir, sem mola de carácter ou de intelligência que resista contra as circunstâncias.

É o homem que eu pinto, — sob os seus costumes diversos, casaca ou batina, é o português verdadeiro. É o português que tem feito este Portugal que vemos... » (Carta respondendo a um artigo sobre *Os Maias*, por mim publicado no *Repórter*. Data de 8 de Agosto, 1888. Bristol.

E Ç A D E Q U E I R O Z

seria tremenda se tem sido posta ao serviço duma filosofia profunda, e duma moral de intuitos definidos. O homem para êle é uma máquina do tempo ainda da mecânica rude, movendo-se por grosseiras sensações e instintos porcos, deboche, avareza, inveja, gula: a vida, sem ideal, não levanta o olhar aos vastos céus, nem entreluz de esperanças panteístas, é uma coisa triste, reles, reduzida a malandrices com intermitências de luxúria, no meio duma natureza cúmplice que parece refocilar-se no humos de tôdas aquelas imundícies. Dos enigmas da alma moderna, onde, diz Bourget, parece que «tôda a superioridade faz chaga, tôda a complicação, dor, e tôda a riqueza, miséria» — dos frenesis grelhantes da dúvida, dos espercimentos da personalidade e da vontade, que pelo tempo fora se vem chamando nevrose, pessimismo, niilismo, misticismo — do excesso enfim do elemento mórbido, em detrimento do são, reparador, que tantos problemas íntimos explica, Eça de Queiroz nada comenta, perscruta, entende ou interpreta, de entretido com os fantoches autografistas do seu escárnio, movendo-se no despaisamento do seu cosmopolitismo de cônsul enojado da terra que lhe paga e chama filho, entre os saltos mortais

duma ironia que faz luxo em deformar para estarrecer, e as incertezas da memória falseada por 27 anos de ausência, longe da raça tolerante de que êle se fêz ao mesmo tempo parasita e algoz, e cuja vida julgou chinesa e decomposta, só porque ao seu dandismo desprove reestudá-la com impassibilidades de filósofo e pudores austeros de moralista. Se me preguntarem agora qual a moral dos romances e grandes livros de Queiroz, que hei-de eu dizer? Que é a moral naturalista, zolaica, que põe as criaturas como pilhas de instintos, molhos de fôrças naturais, travando lutas onde a mais bem armada delas é que vence? Que da narrativa impassível destas lutas, sai, por contraste, uma fôrça de protesto, talhada em aspiração do homem para um ideal de graça que lhe fogue? Bom Deus! mas impossível subordinar os romances de Queiroz a uma tal lei!—Daquelas fôrças e instintos, só um número pequeno atravessa as organizações taradas que êle evoca, e tão fugidias, essas, que quási não fazem eixo no tipo, desmentindo-se, incoerenciando-se sempre que isso convenha ao improvisto sardónico do romancista. Amaro e Carlos da Maia, dois voluptuosos sentimentais, descambam em odientos bilhostres, quando o primeiro, farto de Amélia, quere dela descartar-se, e quando o

segundo, sabendo-se irmão de Maria Eduarda, continua a ser o seu amante. Além disso, na obra de Eça a aspiração idealista é imprecisa, raras balbuciações a denunciam em vagas fórmulas que nem sequer formulam sonho, pois a ironia, egoísta, não quer ver. Triboulet a chorar no meio da orgia dos senhores. Direi então que Eça de Queiroz, pelo temperamento de garôto, pelos frenesis da vida gozadora, e desmazelos da educação literária e científica, nunca conscientemente pôde realizar vida superior, uma autonomia moral e mental onde os germes de literatura social que por ventura haveria no seu génio, desabrochassem em obras fortes, autópsias de almas, musculaturas de lutas, raivas de interêsses, o todo por seqüências de razão crítica, numa ciência profunda de relações e de conjuntos. Assim, mercê das futilidades dum espírito que ficou sempre embrionário, as qualidades fortes, que originariamente seriam muitas, pelo cosmopolitismo de artista, venho a dizer, 27 anos de exílio propositadamente isolado de tóda a observação e constatação da vida pátria, só deram abortos; e só as outras vingaram, mas mesquinhas, deformando-se; por exemplo em chufa, a ironia sem fôrça filosófica; em catitismo o dandismo; em virtuosidades de quadrista episódico, a mais ner-

E Ç A D E Q U E I R O Z

vosa fôrça literária modernamente vista em organização de artista português.

Talvez não valha a pena, depois do que ditofica, averiguar da capacidade crítica e filosófica do romancista; mas quem se quiser prover de razões para julgar certo, folheie na *Revista de Portugal* as *Cartas de Fradique Mendes*, particularmente a espécie de biografia que do pretendido Brumurel, Eça de Queiroz traçou, sôbre reminiscências do *Cenáculo dos Vencidos da vida* e do dandismo ridículo de que nunca pôde emancipar-se. Tal como o romancista queria dá-lo, Fradique era o tipo sintético, ideal, das perfeições da época decursa entre os finais do reinado de Napoleão III e a actual quadra democrática: espécie de homem-Larousse, de figurino poliédrico de todos os *records* do espírito e do corpo, de Adónis filósofo e ciclista, de Ashaverus fígado em Beloc e Jerónimo Condeixa — cristalização do que Eça julgava ser o complexo de perfeições do habitante superior da Cosmopolis, a cidade-resumo das civilizações livrescas de Paris.

Oriundo dos Açores e com a ascendência morgada de Antero, o ídolo do grupo bacharelado em Coimbra, na contemporaneidade da tia Camêla e das diatribes a Castilho — lendo os *Chatiments*

no penedo da Saúde, ao luar, entre guitarras, comungado a « arte nova » de Lecomte de Lisle, Mallarmé, Dierx e Baudelaire (dito « fumista » ao tempo, por alguns) — com a monomania de Paris a desnacionalizá-lo antes do buço, adoptando a camisa vermelha de Garibáldi e a filosofia particularista de Proudhon, indo quatro vezes à Arábia, por causa da arqueologia, e nenhuma ao Algarve por causa de Ossonoba, chorando a perda de Alsácia e Lorena e ignorando, diz Prado num artigo da *Revista Moderna*, « até que ponto, pelo seu desleixo, Portugal estava prestes a perder em África territórios que eram dezenas e centenas de Alsácias e Lorenas, próprias e não alheias » — indo sem *orientalismo* sério à Terra Santa polucionar nas minas o cravetismo francês, com rabonas pintadas do *boulevard* clarescurando o tipo com remoques da gente do *Cenáculo* e dos *vencidos*, já murchos uns, sem crítica exacta outros, e quási todos brigando, pelas diversidades de origem, em vez de nos darem dêsse espírito uma idéia de todo inconfundível — Fradique Mendes, que principia poeta e acaba tolo, que atravessa as regiões da idéia forçando o bronze de todos os arcanos, vibrando às religiões e às ciências paradoxos — Fradique, de que Eça faz um tecedor

jocundo de sofismas da raça irônica dos déspotas afeitos a tronar sem competências — Fradique, querendo ser o tipo ideal do homem moderno, generalizador e artista, amoroso e enciclopédico, nada mais consegue, pelas deficiências psíquicas do romancista, sua anglofilia de mulato, sua paixão estrangeira de renegado, seus catitismos de alfacinha, do que realizar um caso fruste de *poseur*, um dêstes filósofos do *Monde où l'on s'ennuie*, elegantes, parvos, e de cuja vacuidade se parte para bem desoladoras conclusões.

Oh, desoladoras, se folheando essa biografia curiosa, teimarmos em querer ver luzir no crânio de Eça um espírito pensador vasto e profundo!

Fradique sabe tudo, estuda, entende e pratica tudo; babista no Oriente, para «desvendar o babilismo» — positivista queimando incenso e mirra «na ara da humanidade», com os positivísticos rituais, nos dias festivos do Calendário comtista — teósofo nas páginas da *Revista Espírita*, niilista com o príncipe Koblaskini, antropologista, lingüísta, ocupado de religiões, literaturas, direito céltico, magia caldaica, povoações lacustres, selos... Não lhe ressalta a transcendentalidade, porém, de três ou quatro traços lampejantes,

como seria mister para o transformar num símbolo lúcido; senão por difusões, incongruências, parola, resvala no conselheiro Acácio a sério, uma espécie de cretino megalómano que nos põe a alvitrar bem pobres coisas sôbre a mentalidade superior dos tais *vencidos*.

Querem saber como Fradique teve a «paixão da história»? Aos onze anos a avó mandou-o para a escola; dava-lhe um pataco para bolos, e o jardineiro levava-o pela mão. «Êste criado, êste pataco, êstes bolos, eram costumes novos que feriam o meu monstruoso orgulho de morgadinho — por me descerem ao nível dos filhos do nosso procurador. Um dia, porém, folheando uma *Enciclopédia de antiguidades romanas*, que tinha estampas, li com surprêsa que os rapazes de Roma (a grande Roma!) iam também para a escola, como eu; pela mão dum servo denominado o *capsarius*, e compravam também, como eu, um bôlo na tia Marta do Velabro ou do Quirinal, para comerem à merenda — que êles chamavam o *tentaculum*. Pois, meu caro, escreve êle a Oliveira Martins, no mesmo instante a venerável antiguidade dêstes hábitos, tirou-lhes a vulgaridade tôda que nêles me humilhava tanto».

A razão da compra duma quinta, não deixa também de revelar a fase acacial a que o Eça filósofo propendera.

«A compra da quinta do *Saragoça* em Sintra, realizara-a Fradique para se prender mais, e pelo forte vínculo da propriedade, ao solo augusto de onde um dia tinham partido, levados por um ingénuo tumulto de idéias grandes, os buscadores de mundos, de quem êle herdara o sangue e a curiosidade do *além!*»

Em culinária traz esta mirabolante opinião «o parlamentarismo e o constitucionalismo estragaram em Portugal a cabidela de frango».

Fradique, saloia dos carnavais «...sempre que lia num jornal uma catástrofe ou uma indigência, marcava a notícia com um traço a lápis, lançando ao lado um algarismo, que indicava ao velho Smith o número de libras que devia remeter, sem publicidade, singelamente, pudicamente. E a sua máxima era que — mais vale um pataco na mão que duas filosofias a voar».

Fradique, protector de bichos «...uma ocasião em Paris, correndo uma estação de *fiacres*, para nos salvarmos dum chuveiro que desabava, e seguir na pressa que nos levava a uma venda de tapeçarias (onde Fradique cobiçava umas *nove*

E Ç A D E Q U E I R O Z

musas dançando entre os loureirais), encontramos apenas um *coupé*, cuja pileca, com o sacco pendente do focinho, comia melancolicamente a sua ração. Fradique teimou em esperar que o cavallo almoçasse com tranqüilidade — e perdeu as *nove musas*». Por uma tal introdução sentem-se as *Cartas*, as pobres cartas que parecem artiguinhos soltos de almanaque, sem estilo epistolar, sem improvização rompante, em trabalhosos períodos ocupando-se de estravagâncias pueris, aforismos sediços, pedanterias dos *cormorans soireux* do Hotel Bragança, a desencantar muito fetichista quanto à infalibilidade dos deuses, e impecável exteriorização dos seus altares.

Direi por conclusão que Eça de Queiroz é um génio falhado pelo mau uso que de si próprio fêz na traça de escritor, génio que se amesquinhou por indisciplina filosófica, predomínio de instintos mundanaes, falta de fé num ideal intenso e absorvente.

Dos três ou quatro grandes livros que deixa, nenhum promete na memória dos homens, vida longa, que à uma é duvidoso o português em que estão escritos, e à outra hão-de matá-los qualidades de diletantismo, ainda sedutoras, e bem depressa fastidiosas, assim como a ironia iconoclasta,

que em cinqüenta anos passa, quando futuras gerações, mais cerebralmente definidas, começarem a rir de outra maneira. *Eça de Queiroz é um escritor europeu, não um escritor nacional.* Na história do português escrito vem talvez a contar-se a prosa de Ramalho; a de Eça nunca.

Por isso, tantos bombásticos artigos chamando-lhe único, tantas homenagens hugüescas chorando-o como pedra angular da literatura lusitana, me parecem alguma coisa fora de propósito, e por ventura armando à sucessão da coroa sem herdeiro. Êste cortejo não é talvez tanto o entêrro dum morto, como o exhibismo da literatice gato-pingando o seu memorial de pretendente. Só assim pode explicar-se a choradeira feita de roda do maior desnacionalizador que teve Portugal modernamente, do génio cínico que tão mal compreendeu a sua missão moral de homem de pena, e que em vez de erguer a alma do país para ideais centralistas que o defendessem contra a morte, em vez de arraigar nas almas, germes de trabalho, de pátria e de família, gastou a vida a negar, a deprimir, a dar supremacia a modernices francezas, a fazer descer da honra e da virtude, a não ver nos homens senão cretinos ou biltres, e nas mulheres senão rudimentos vulgares de prostitutas!

Adorem-no embora os complicados e os artistas; é dever seu, tratando-se dessa venenosa flor de raça espúria, dêsse impulsivo cronista das perversões do sexo e do carácter — como artista moderno, Eça de Queiroz é um caso raro e curioso, glorifiquem-no os literatos e os mundanos — mas sem dizer a cinco milhões de analfabetos, vai ali um deus que cumpre venerar! Porque êsses cinco milhões não têm que ver com Eça de Queiroz, e a própria barbaria os salva de, lendo a obra do artista, se poderem tornar em outros tantos milhões de malandrins.

Houve, é certo, nesta metade de século, um grande escritor portuguez que não foi cônsul nem dândi, e de tudo escreveu páginas supremas, e fêz da língua dura dos cronicons, um instrumento sonoro, maravilhoso, elástico e vibrante, exprimindo à nossa moda, fazendo chorar, fazendo pensar, fazendo rir como há sete séculos exprime, chora, pensa e ri todo o animal da nossa raça, que seja o que fôr, não é menos esperto, nem menos bravo nem menos progressivo, nem menos probo, nem menos digno da civilização do que qualquer outro homem trigueiro ou loiro, saxónio ou latino, surto em país de próspera fortuna!

E Ç A D E Q U E I R O Z

O que êsse animal precisa é desanestesiá a cabeça do pesadêlo estrangeiro que o acobarda, trabalhar com os seus braços, proceder por sua iniciativa, expulsar os que roubam, dar castigo severo aos que o insultam; e se é êste o fito de quantos, nesta hora de angústias, amam a Pátria, se é propósito de todos ressuscitar, pelas aquisições parciais da arqueologia, da história, da agricultura, da indústria, das artes e das letras, um espírito nacional que faça de nós no mundo, um agregado político indiviso — como se explica esta apoteose ao escritor dissolvente, quando o verdadeiramente grande, o outro, o nosso, lá jaz no Pôrto esquecido e tratado como um cão?

Carlos Malheiro Dias

Dois olhos pretos, estelares, de animalzinho sagaz que ficasse infantil por um princípio de graça inerente às espécies de felinos: olhos pou-
sando com aprazimento nas coisas, com um estore de alegria risonha diante, com uma interrogação ansiosa no fundo — olhos que são uma alma, um fígado, o registo dum cérebro e o alvorecer dum claro dia. Só depois do brilho dêses olhos passar, tranqüilo e inquieto, como sinal duma luta em que a vontade doma o *far niente* é que uma pessoa percebe serem êles pretexto dum corpo de ossinhos, nervinhos, imponderável, vibrátil, em cujos ombros fâcilmente cresceriam dois pares de asas, as superiores de rêde arco-
-iriada, as inferiores longas e brancas como restes, podendo erguer o corpo de libélulo e esvoaçá-lo por cima dos pântanos da vida, das bôcas das mulheres, das cômas dos jardins.

E o ladino insecto zumbindo a sua embriaguez de viver à luz da glória, de tomar parte nas ágapes da vida, zigue-zaguear no capricho a lufa-lufa... Aparentemente, uma vida dispersa, à gandaia da sensação; senão quando, mirando bem, se reconhece que o libelulozinho é uma abelha, uma simpática abelha laboriosa, que vai e vem, sugando corolas, para no seu cortiço (tanto monta dizer nas fôlhas dos seus livros) depor um mel que é doirado e cheiroso, e sabe a rosmano e a grizada, e tem acridões e blandícias, resumo dos seus volteios e succões pela campina.

Mas se a figurita franzina faz vinheta, a alma forte, a cabeça sonhante e o coração baboso de ternuras marcam na migalha de gente o tipo estranho dêsses cavaleiros do cisne que o maluco do Nietzsche chamava hiperbòlicamente os «esperados da selecção» e que, raros ainda nas sociedades modernas, casam as realidades da vida com um poder de ideal, transfigurante. A sua paixão do trabalho e um congénito dom de produção límpida e rápida valem-lhe às vezes apodos e censuras, nesta terra onde ninguém faz nada, e ficou de Eça de Queiroz, com a *pastiche* do estilo, a norma dos dez anos para a gestação

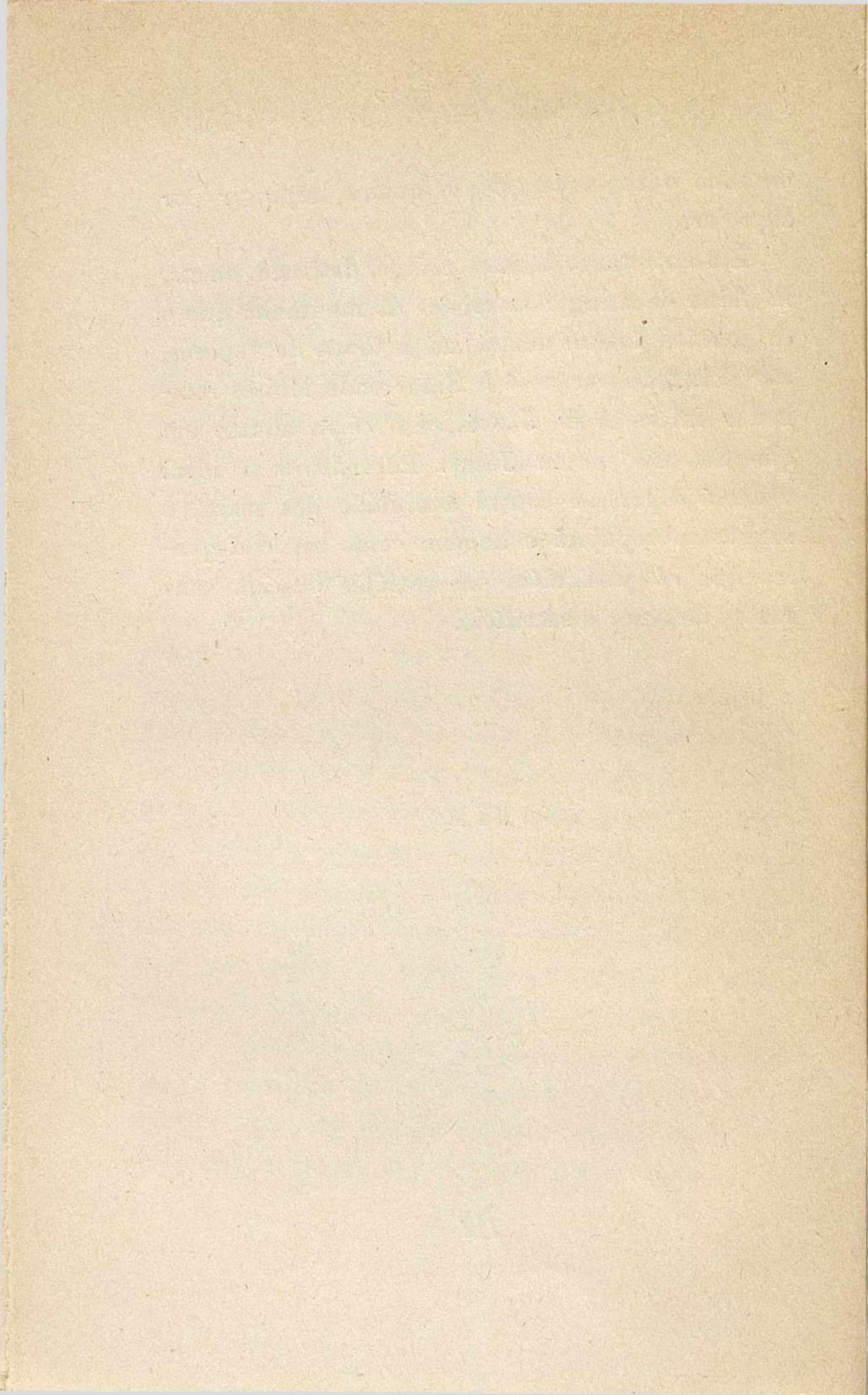
CARLOS MALHEIRO DIAS

de todo o romance que se queira impingir por superior.

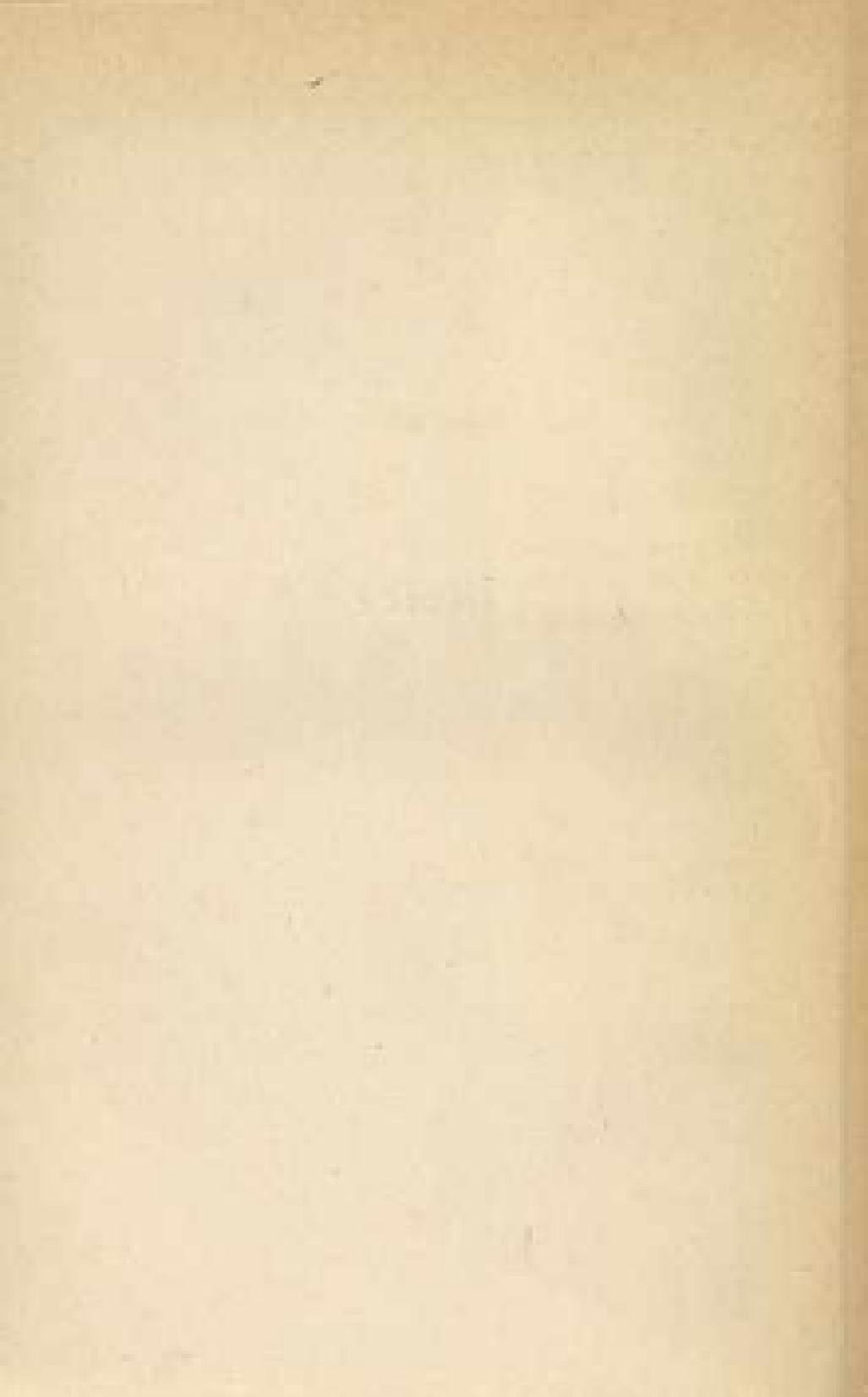
Êle entretanto labuta, redige, desbasta, anexa, na faina de attingir as cristas da montanha que o enigmático futuro anomaliza e touca de vapores, não deixando ver se é o Sinai onde Moisés recebeu a iniciação de Jeová, se o cêrro adusto em que Satanás tentou Jesus. Porventura o ideal vencerá o real, e contra a opinião dos maus, o artista sobrepujará o homem como sendo daqueles que só para além das estrêlas buscam suas razões de amor e sacrificio.

FIM



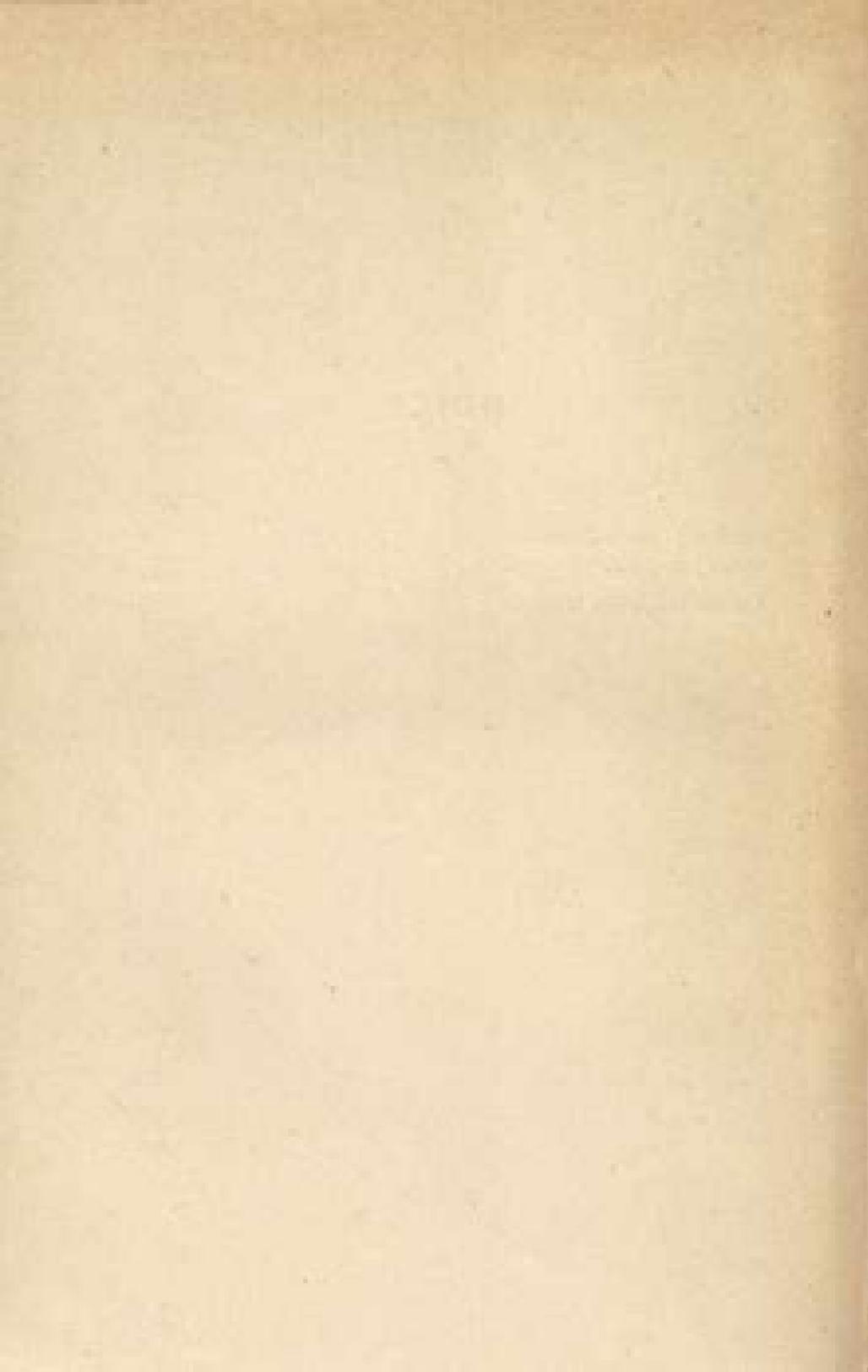


ÍNDICE



ÍNDICE

	Pág.
Camilo Castelo Branco	9
Eça de Queiroz	47
Carlos Malheiro Dias	109



Colecção ORBE

Esta colecção destina-se a agrupar trabalhos rigorosamente seleccionados de vários autores e sobre assuntos diversos, com o duplo objectivo de instruir e recrear o espírito. A colecção ORBE será, dêste modo, um repositório de obras atraentes e recomendáveis, brevemente indispensável em todas as estantes.

VOLUMES PUBLICADOS:

- | | |
|--|--------|
| 1 — A Lei e as Hostes de Mafoma,
1 vol. | 15\$00 |
| 2 — A Invasão da Hispânia e o
Aspecto Cultural do Islamismo,
1 vol. | 15\$00 |
| 3 — Greis Sarracenas e o Islão Con-
temporâneo, 1 vol. | 15\$00 |
| 4 — Antar—O Cavaleiro Mór, 1 vol.
por EDUARDO DIAS | 13\$00 |
| 5 — Homens e Paisagens que eu co-
nheci, 2. ^a edição, 1 vol.
pelo DR. AUGUSTO DE CASTRO
(da Academia das Ciências de Lisboa) | 13\$00 |
| 6 — Um Violino Fala..., 1 vol.
Recordações do grande violinista Jacques Thi-
baud coordenadas por Jean-Pierre Dorian.
Prefácio, adaptação e notas de Eduardo Dias | 13\$00 |

Livraria Clássica Editora

UM LIVRO PARA TODOS

ANTAR — O Cavaleiro Mor

Romance epopeia da velha Arábia
por EDUARDO DIAS

Alguns excertos da critica :

«...Independentemente do seu valôr e da sua importância como trabalho de reconstituição e de exegese literária, independentemente, também, do seu interesse como elemento para o estudo da gente e do meio em que o islamismo se gerou — o romance de Eduardo Dias vale porém e ainda como romance, lê-se com emoção e tem páginas de vigorosa beleza formal, que nos empolgam.» (*Acção*, Lisboa).

«Livro empolgante, com aspecto invulgar no nosso panorama literário — êle dá-nos preciosos e agradáveis momentos de leitura a par de certo cunho instrutivo, já que a obra nos descreve, em pinceladas fortes e coloridas, o ambiente da vida dos árabes no deserto ardente, detalhando, em traços justos e precisos a sua hospitalidade, as suas vinganças, o seu temperamento fogoso e aguerrido, os seus anseios de aventura, os seus amores, etc.» (*O Comercio do Porto*).

«Obra encantadora, impressionante, em que, por vèzes, parece ressuscitar o génio descritivo de Herculano, *Antar* pode classificar-se, justamente, como um livro que a todos os títulos honra a nossa literatura e afirma, decisivamente, uma pujante personalidade de escritor.» (*República*, Lisboa).

«Ao tornar acessível ao grande público uma lenda do mais belo sabor histórico e poético, Eduardo Dias teve ensejo de escrever um livro original e poderoso em que a emoção e a paisagem andam de mãos-dadas à procura da realidade possível.» (*Novidades*), Lisboa.

«Para os que só conheciam as *Mil e uma noites* como exemplar representativo da literatura islâmica, *Antar—o cavaleiro mor* é uma revelação. Eduardo Dias só merece encómios pelo exito do seu empreendimento.» (*Renascença*, Lisboa).